

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
PRÓ REITORIA DE ENSINO DE GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
REDE UNEB 2000**

**Maria Alice Queiroz de Carvalho
Rejane de Lima Rios
Silvia Souza Carvalho**

**LITERATURA INFANTIL :
A ARTE DE CONTAR HISTÓRIAS**

**MUNDO NOVO – BA.
2001.**

167

Maria Alice Queiroz de Carvalho
Rejane Lima Rios
Sílvia de Souza de Carvalho

167

**LITERATURA INFANTIL
A ARTE DE CONTAR
HISTÓRIAS**

PROF^a. ORIENTADORA :
ZILDA DE OLIVEIRA FREITAS
MESTRE EM LITERATURA PORTUGUESA

CONSULTA

Trabalho monográfico apresentado como pré-requisito para a conclusão do curso de Licenciatura em Pedagogia, Habilitação nas séries iniciais do Ensino Fundamental, pelo Departamento de Ciências Humanas Campus IV, Mundo Novo.



**Mundo Novo
2001.**

UNEB - DEP. IV - JAC

Para contar uma história diferente é preciso mudar o futuro. E mudar o futuro depende de mudar a maneira de como se pensa o presente. Otimizar os resultados é preciso, porque não podemos esquecer que por trás das histórias existem pessoas. Pessoas que formam uma nação. O que nós formadas propomos é contar com todos para no futuro, contar uma história diferente.

(Anônimo)

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a Deus que com sua bondade infinita nos permitiu concluir este trabalho.

As pessoas que nos ajudaram direta ou indiretamente.

E as nossas famílias em especial.

DEDICATÓRIA

Dedicamos este trabalho aos professores das séries iniciais do ensino fundamental que de alguma forma foram para nós fonte de inspiração e, com certeza, irão desfrutar do mesmo.

Em especial dedicamos aos nossos inesquecíveis professores Eliene Barbosa e Antenor Rita Gomes, que sempre nos ajudaram contribuindo com o aperfeiçoamento de nossos trabalhos.

Também, não podemos esquecer do Ex-prefeito Wilson Muricy , que tanto fez para que hoje pudéssemos está aqui fazendo pedagogia., e do atual Prefeito Demóstenes Soares , pelo fato de ter acreditado e continuado com o curso em Mundo Novo.

E para finalizar, o nosso carinho todo especial para a coordenadora Eliã Soréia Santos Amorim e a pessoa que fez com que esse trabalho fosse concluído de maneira interessante e prazerosa, nossa orientadora Zilda Freitas. A você, o nosso muito obrigado pela orientação segura e competente.

APRESENTAÇÃO

O conto nasceu do povo e foi feito para ele.

“É um documento vivo, denunciando costumes, idéias, mentalidades, decisões e julgamentos. Para todos nós é o primeiro leite intelectual”.

Câmara Cascudo

Este trabalho monográfico de Literatura Infantil que tem como tema – A arte de contar histórias – foi elaborado para atender crianças de 1ª a 4ª séries com a finalidade de estimular a leitura e o prazer em ouvir as histórias contadas pelo professor em sala de aula.

A intenção é fazer com que as crianças sintam prazer, alegria, satisfação, compreensão pelo que está lendo e ouvindo.

É através das histórias contadas pelos professores que os alunos vão desenvolver a sua capacidade de ler, escrever, falar e ouvir.

Além disso estimular os alunos a serem quem sabe futuros autores de livros de história infantil.

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS.....	04
DEDICATÓRA.....	05
APRESENTAÇÃO	06
SUMÁRIO	07
INTRODUÇÃO.....	08
METODOLOGIA	09
JUSTIFICATIVA	11
CAP. I: O UNIVERSO NACIONAL INFANTIL	12
1.1 -Origens da Literatura Infantil.....	12
1.2 - A Importância do maravilhoso na Literatura Infantil.....	13
CAP. II – LITERATURA INFANTIL: REALIDADE X FANTASIA.....	15
CAP. III - CONSIDERAÇÕES RELEVANTES PARA O ATO DE CONTAR HISTÓRIAS EM SALA DE AULA	18
3. 1 – Como contar histórias14	
CAP. IV - ALGUMAS FORMAS DE APRESENTAÇÃO DAS HISTÓRIAS.....	21
CAP. V – ADEQUAÇÃO DAS HISTÓRIAS CONFORME FAIXA ETÁRIA DO LEITOR	25
CAP. VI – HISTÓRIA PARA CRIANÇA	27
6.1 - A importância das histórias	27
6.2 – Sugestão: Sobre histórias Infantis.....	28
6.3 - Aproveitar o texto.....	30
6.4 Contar histórias... Só para quem sabe ler!.....	32
CAP. VII – CONTOS DE FADAS	34
7.1 - A Natureza da Literatura Infantil	34
7.2 - A Origem dos contos de fadas e alguns autores importantes.....	34
7.3 - A Importância das histórias infantis para as crianças.....	39
7.4 – Algumas considerações sobre os personagens infantis	42
7.5 - A história infantil e sua fantasia	45
CAP. VIII - CONSIDERAÇÕES FINAIS	48
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	50
RESUMO	51
ANEXOS	52

INTRODUÇÃO

Tendo em vista nosso trabalho como educadores e a nossa prática em sala de aula, procuraremos incentivar os nossos alunos a sentirem prazer pela leitura e a escrita, acreditando no poder que as histórias infantis tem de despertar no ouvinte, o fascínio pela leitura e principalmente pela escrita.

Escolhemos como tema “A arte de contar histórias”, que hoje não se ouve mais com tanta frequência e dedicação como em nosso tempo de criança. As histórias de hoje estão adormecidas em nossos educadores, que pouco fazem uso da literatura infantil em sala de aula.

Ah! Como é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas e muitas histórias ... afinal, histórias é o elo entre o leitor e o livro, pois é através da mesma que podemos possibilitar as crianças e até mesmo os adultos o desejo de querer ler e descobrir um mundo diferente, imaginário. É ter a curiosidade respondida em relação a tantas perguntas deste universo fantástico que é o livro.

No entanto, pretendemos sensibilizar aos educadores em face a importância da literatura infantil em sala de aula e, também , sugerir atividades e orientações sobre o como trabalhar as histórias de maneira diferente, lúdica e prazerosa nas séries iniciais do ensino fundamental.

Para realizarmos este trabalho, obras dos seguintes autores: Fanny Abramovich, Betty Coelho, Jonas Ribeiro e Bruno Bettelheim, os quais nos possibilitarão fazer reflexões sobre a importância da literatura em sala de aula, o de como melhorar a nossa prática pedagógica e a de nossos colegas em sala de aula, e o aprendizado das crianças a fim de torná-las leitoras e futuras escritoras competentes.

Aqui estão registradas nossas orientações para o trabalho pedagógico em sala de aula, que envolve a “Arte de contar histórias”, a qual faz funcionar a imaginação e a possibilidade de descobrir o mundo como ser integral, pois aquele que conta, encanta...

METODOLOGIA

Partimos de observações feitas nas escolas públicas , Olímpia Mascarenhas situada à Rua do Clube, s/n.º , na sede do povoado de Umbuzeiro, com funcionamento nos turnos matutino e noturno, e na Escola Elpídio Lopes Guimarães, situada à Rua Riacho do Ouro, s/n.º , também no povoado de Umbuzeiro, com funcionamento de turnos matutino e vespertino. Percebemos a dificuldade que os professores enfrentam para selecionar e contar histórias infantis em sala de aula de 1ª a 4ª séries do ensino fundamental, principalmente porque os alunos não estão habituados a ouvirem nem lerem histórias no seu ambiente familiar.

Para verificar a problemática da carência de histórias infantis em sala de aula, realizamos uma entrevista com dez professores e constatamos que a minoria dos entrevistados contam histórias quinzenalmente e a maioria contam as mesmas por contar sem nenhuma preparação nem motivação e percebemos que duas ou três pessoas não contam histórias para seus alunos porque simplesmente não gostam de contar / não acham interessante para a aprendizagem das crianças. Constatamos também que as dificuldades encontradas pelos professores se dão por falta de uma instrução pedagógica, preocupando-se apenas com disciplinas que já fazem parte do currículo escolar deixando de lado a literatura infantil em sala de aula.

Quando as histórias são contadas de forma inadequada, as crianças ficam desmotivadas. Mas não devemos desanimar temos de ter consciência da importância da leitura na vida das crianças e levar a literatura infantil, como bagagem essencial para o conhecimento da criança estimulando sua criatividade, sua auto-estima, prazer pela leitura e quem sabe despertarmos futuros escritores de histórias infantis. Pois acreditamos na força que as

estórias tem em fascinar e estimular as crianças e aí quem sabe formarem cidadãos/leitores críticos e sensíveis, pois, devemos partir do que os alunos gostam de ler, valorizando o conhecimento local. Assim, daremos oportunidade para as crianças construírem suas próprias opiniões em relação ao que se lêem, a partir do que elas gostam de ler.

É importante que nós professores passemos a aprender a gostar de ler para assim, estimularmos os nossos alunos a sentirem prazer pela leitura.

JUSTIFICATIVA

“ A Literatura permite que a criança sonhe, enfrente menos. Que vença angústias e que desenvolva a imaginação conhecendo outras civilizações”. *Ana Maria Machado (2001)*

A nossa meta diante do tema apresentado “como contar histórias” baseia-se na afirmação acima.

É aí onde, o trabalho se tornará útil para nossos alunos, porque é através da literatura que mergulhamos nas diferentes formas de ver o mundo presente nas histórias escolhidas.

As surpresas que as mesmas despertam nas crianças por meio do imaginário de uma situação diferente, de uma peripécia do enredo é um elemento em toda arte de contar história.

Daí nosso fascínio pela literatura, porque acreditamos na força que ela tem em despertar no aluno o gosto e o prazer em ouvir coisa que hoje sentimos dificuldades em despertar nas crianças.

A literatura pode contribuir para desfazer o vínculo com a falta de interesse dos alunos no cotidiano em sala de aula. Porque cabe a nós professores, usarmos e ousarmos das histórias infantis sem medo, fazer das mesmas um teatro, para que assim o leitor desperte no ouvinte a arte e o prazer de vivenciar histórias

CAPÍTULO I : O Universo Nacional Infantil

1.1 - Origens da Literatura Infantil

O impulso de contar histórias deve ter nascido no homem, no momento em que ele sentiu a necessidade de comunicar aos outros alguma experiência sua, que poderia ter significação para todos.

A célula máter da Literatura Infantil, hoje conhecida como “Clássica”, encontra-se na Novelística Popular Medieval que tem suas origens na Índia. Descobriu-se que desde essa época a palavra impôs-se ao homem como algo mágico, como um poder misterioso, que tanto poderia proteger, como ameaçar, construir ou destruir. São, também, de caráter mágico ou fantasioso, as narrativas conhecidas, hoje, como literatura primordial. Nela foi descoberto o fundo fabuloso das narrativas orientais, que se forjaram durante séculos A.C., e se difundiram por todo o mundo, através da tradição oral.

A Literatura Infantil apareceu durante o século XVII , época em que as mudanças na estrutura da sociedade desencadearam repercussões no âmbito artístico, que persistem até os dias atuais.

O aparecimento da Literatura Infantil tem características próprias, pois decorre da ascensão da família burguesa, do novo “status” concedido à infância na sociedade e da reorganização da escola. Sua emergência deveu-se, antes de tudo, à sua associação com a Pedagogia, já que as histórias eram elaboradas para se converterem em instrumento dela.

É a partir do séc. XVIII que a criança passa a ser considerada um ser diferente do adulto, com necessidades e características próprias, pelo que deveria distanciar-se da vida dos mais velhos e receber uma educação especial, que a preparasse para a vida adulta.

1.2 - A Importância do Maravilhoso na Literatura Infantil

Em seus primórdios, a Literatura foi essencialmente fantástica. Nessa época era inacessível à humanidade o conhecimento científico dos fenômenos da vida natural ou humana, assim, sendo o pensamento mágico dominava em lugar da lógica que conhecemos. A essa fase mágica, e já revelando preocupação crítica às relações humanas ao nível social, correspondem às fábulas. Compreende-se, pois, porque essa literatura arcaica acabou se transformando em Literatura Infantil: a natureza mágica de sua matéria atrai espontaneamente as crianças.

A literatura fantasista foi a forma privilegiada da Literatura Infantil, desde seus primórdios (séc.XII), até a entrada do Romantismo, quando o maravilhoso dos contos populares é definitivamente incorporado ao seu acervo (pelo trabalho dos Irmãos Grimm, na Alemanha ; de Hans Christian Andersen, na Dinamarca ; Garrete Herculano em Portugal ; etc).

Considera-se como Maravilhoso todas as situações que ocorrem fora do nosso atendimento da dicotomia espaço/tempo ou realizada em local vago ou indeterminado na Terra. Tais fenômenos não obedecem as leis naturais que reagem o planeta.

O maravilhoso sempre foi e continua sendo um dos elementos mais importantes na literatura destinada às crianças. Através do prazer ou das emoções que as histórias lhes proporcionam, o simbolismo que está implícito nas tramas e personagens vai agir em seu inconsciente, atuando pouco a pouco para ajudar a resolver os conflitos interiores normais nessa fase da vida.

A psicanálise afirma que os significados simbólicos dos contos maravilhosos estão ligados aos eternos dilemas que o homem enfrenta ao

longo de seu amadurecimento emocional. É durante essa fase que surge a necessidade da criança em defender sua vontade e sua independência em relação ao poder dos pais ou à rivalidade com os irmãos ou amigos.

É nesse sentido que a Literatura Infantil e, principalmente, os contos de fadas podem ser decisivos para a formação da criança em relação a si mesma e ao mundo à sua volta. O maniqueísmo que divide as personagens boas e más, belas ou feias, poderosas ou fracas, etc., facilita a criança a compreensão de certos valores básicos na conduta humana ou convívio social. Tal dicotomia, se transmitida através de uma linguagem simbólica, e durante a infância, não será prejudicial à formação de sua consciência ética! O que as crianças encontram nos contos de fada são, na verdade, categorias de valor que são perenes. O que muda é apenas o conteúdo rotulado de BOM ou MAU, CERTO ou ERRADO.

Lembra a psicanálise, que a criança é levada a se identificar como o herói bom e belo, não devido à sua bondade ou beleza, mas por sentir nele a própria personificação de seus problemas infantis: seu inconsciente desejo de bondade e beleza e, principalmente, sua necessidade de segurança e proteção. Pode assim superar o medo que a inibe e enfrentar os perigos e ameaças que sente à sua volta, podendo alcançar gradativamente o equilíbrio adulto.

A área do Maravilhoso, da fábula, dos mitos e das lendas tem linguagem metafórica que se comunica facilmente com o pensamento mágico, natural das crianças.

CAPÍTULO II – LITERATURA INFANTIL : REALIDADE X FANTASIA.

Partindo do dado básico de que é através de sua consciência cultural que os seres humanos se desenvolvem e se realizam de maneira integral, é fácil compreendermos a importância do papel que a literatura pode desempenhar para os seres em formação.

Daí a importância da literatura infantil, nestes tempos de crise cultural: cumprindo sua tarefa de alegrar, divertir ou emocionar o espírito de seus pequenos leitores e ouvintes, leva-os, de maneira lúdica, fácil, a perceberem e a interrogarem a si mesmos e ao mundo que os rodeia, orientando seus interesses, suas aspirações, sua necessidade de auto-afirmação ou de segurança, ao lhes propor objetivos, idéias ou formas possíveis (ou desejáveis) de participação social.

Portanto, é ainda ao livro, à palavra escrita, que atribuímos a maior responsabilidade na formação da consciência de mundo das crianças e jovens.

A literatura infantil é das mais eloqüentes, devido à amplitude de seus recursos expressionistas. Ela não só pode dar perenidade ao gesto ou ao ato fugaz de viver, como principalmente se concretiza em uma matéria formal que corresponde aquilo que distingue o homem dos demais seres do reino animal: a palavra, a linguagem criadora.

Quanto à literatura adequada para jovens, cada vez se torna mais difícil delimitar. Principalmente devido à mudança dos costumes e a conseqüente aceleração da maturidade mental ou psíquica dos meninos e meninas. Várias pesquisas recentes mostram que ainda persiste uma tendência bastante

acentuada por parte das jovens pela literatura amorosa e dos rapazes pela literatura de aventuras e mistério. O que não se interessam por estórias amorosas ou que as jovens não se agradem por aventuras.

No geral, pode-se dizer que tanto a literatura realista como a fantasia atraem o adolescente, desde que ponham em jogo “situações” humanas onde as paixões se misturam às aventuras; onde se denunciem os obstáculos que se levantam contra a realização do ser; onde se mostre a grandeza ou o poder de realização (em qualquer setor) de heróis e heroínas que afirmam contra o mundo.

Mais uma razão para a leitura ser redescoberta, desde o estágio infantil, como fonte gratificante de conhecimento da vida ... para ser divertimento ou prazer deve oferecer algo mais significativo para o leitor.

Para o censo comum (que reage exclusivamente ao nível da materialidade cotidiana) , literatura é o domínio da ilusão, do sonho, da mentira Por outro lado, para o grande público, atingidos pelos meios de comunicação em massa, a literatura é vista como algo sem atração.

Mas se perguntarmos o que entendem por “literatura” aqueles que, mesmo esporadicamente, entram em contato com os livros e com maior ou menor interesse, se entregam à leitura, veremos que as diferentes respostas apresentam fatores comuns como : como algo que fala da necessidade de ilusão, sonho, fantasia ...

Na verdade, literatura é uma linguagem específica que, como toda linguagem, expressa uma determinada experiência humana. Atualmente essa expressão literária infantil expressa de imediato a idéia de belos livros coloridos e a alegria de crianças a folheá-los, lendo-os ou ouvindo alguém ler estórias ali contidas.

Ligada desde a origem à diversão ou ao aprendizado das crianças, a literatura infantil tem sido vista pelo adulto como algo “pueril” (nivelada ao brinquedo) ou como algo “útil” (nivelada ao ensino ou a uma atividade que mantém a criança quieta).

A redescoberta da Literatura Infantil como valor significativo dentro da vida cultural contemporânea, é fenômeno recente em nosso século.

Segundo Marc Soriano “A Literatura Infantil é uma comunicação histórica...”, precisamos acreditar que ela deve ser urgentemente descoberta, muito menos como mero entretenimento, e muito mais como uma aventura espiritual que engaje o eu em uma experiência rica de vida, inteligência e emoções.

De acordo com a definição de Soriano, pode-se dizer que a Literatura é um fenômeno de expressão, é uma linguagem específica que, como toda linguagem expressa uma experiência (a do adulto) e provoca outra (a do leitor).

CAPÍTULO III – CONSIDERAÇÕES RELEVANTES PARA O ATO DE CONTAR HISTÓRIAS EM SALA DE AULA.

3.1 – Como contar histórias.

O Conto é a forma de demonstrar através da arte a importância e o prazer que é a literatura infantil. Existem várias maneiras de se contar uma história, as formas variam de pessoa para pessoa. Cada um conta ao seu modo, mas desde que seja com naturalismo. Por isso, quem conta deve se convencer e convencer o ouvinte e fazer com que o mesmo navegue no mundo da fantasia achando que tudo que está ouvindo é real.

Betty Coelho alega que “ há professores que imaginam não ter jeito para narrar uma história”. Mas esses professores só irão perceber que poderão contar uma história, quando forem preparados em sua prática pedagógica de ensino, e aprenderem primeiramente a gostarem do que estão fazendo, obtendo assim, bons resultados. A habilidade de contar história se aprende com a prática. O principal é gostar de ler e se exercitar como narrador.

A escritora afirma que ocorrem situações importantes na narração de uma história. Por exemplo: deve haver uma conversa antes de contar a história, estimulando-os a relacioná-lo a fatos de sua vivência ou outras leituras, evitando assim interrupções desnecessárias e motivá-los também.

“Contamos histórias porque sentimos prazer”.

O narrador precisa está envolvido com os personagens, com suas emoções, Ter liberdade para brincar com as palavras, imitando como se estivesse vivenciando uma situação real, fazendo expressão corporal adequada, porque o corpo precisa estar em sintonia com os ritmos para que as

crianças também possam acreditar e viajar com o mundo das histórias infantis e suas emoções.

“O narrador tem de expressar-se numa voz definida, inconfundível; tem de saber modulá-la de acordo com o que está contando, considerando os seguintes aspectos: intensidade, clareza, conhecimento”.

Os aspectos se não forem observados por quem narra, ficarão seqüela de uma narração mal feita.

Devemos mostrar o livro para a classe, virando lentamente as páginas com a mão direita enquanto a esquerda sustenta a parte inferior do livro aberto de frente para o público.

As pausas precisam ser observadas com muita atenção, para que os ouvintes, além de apreciar a melodia da linguagem, possam entender a história.

Contar e ouvir histórias é uma atividade sempre presente na rotina das crianças para que elas possam divergir sobre as razões de seu valor e sobre os objetivos que entende, todos os professores reconhecem, que esta é uma atividade insubstituível. Estão de acordo que é bom para as crianças poder ouvir histórias, até porque é evidente, no cotidiano das classes, que crianças adoram ouvir histórias.

Ao contarmos uma história, devemos estudá-la, tendo em vista as características dos personagens que as compõem, familiarizando-se com os mesmos; transmitindo sensações, adaptando e trabalhando cada elemento de acordo com sua função.

Jonas Ribeiro considera que estudar a história o contador precisa ler o livro, sentir como nos pega, nos emociona ou nos irrita (...) o narrador tem que transmitir confiança, motivar a atenção e despertar a admiração.

Para os ouvintes entrarem no mundo fantástico da imaginação, o contador deve iniciar uma história com uma frase mágica Era uma vez... , Numa época em que os bichos falavam... , ou ainda da maneira que o contador ache melhor, o importante é que ele não deixe esse momento perder o encanto.

CAPÍTULO IV – ALGUMAS FORMAS DE APRESENTAÇÃO DAS HISTÓRIAS.

Betty alerta que antes de trabalhar uma história devemos escolher a melhor forma ou recurso, para contá-la com entusiasmo, afim de despertar o gosto e o interesse pela leitura.

Há muitas maneiras de apresentar uma história para a criança. Isto é, há uma série de recursos que poderão nos ajudar.

São elas :

- A simples narrativa ;
- A narrativa com auxílio do livro ;
- O uso de gravuras ;
- O uso de flanelógrafo ;
- O uso de desenhos ;
- Teatro de fantoches ;
- Narrativa com interferência do narrador e ouvinte ;
- Roda de história ;
- Teatro de sombra ;
- Videocassete ;
- Cineminha.

Simples Narrativa – Na qual o contador utiliza apenas a voz e a expressão corporal. É considerada a mais antiga ou tradicional. Esta forma atrai bastante

e o ouvinte é induzido a viajar no mundo da fantasia contida no enredo. A autora sugere fábulas, lendas, histórias recolhidas de tradição oral, sejam transmitidas sob a forma de simples narrativa.

A narrativa com o auxílio do livro – há histórias que só podem ser contadas através do livro para que sejam apresentadas às crianças as cenas do enredo e personagens. Isso não implica que o contador não precise decorar a história, pois ele deve demonstrar segurança ao contar uma história, utilizará o livro como fonte de apresentação dos personagens.

É bom que o narrador evite perguntas desnecessárias. Deve-se Ter muito cuidado com as colocações relacionadas ao sentimento, preconceito, etc.

A autora afirma que :

“A conversa em torno da história é o momento ideal para atribuir às palavras um significado concreto, real, dirimir preconceito, idéias falsas”.

- O uso de gravuras é uma forma criativa e agradável também de narrar uma história, os ouvintes ficarão encantados com as gravuras ampliadas, recortadas e colocadas num lugar adequado. Observa-se que durante a narração, as gravuras vão sendo colocadas na ordem em que aparecem na história sem alterar a narração da mesma.
- O uso do flanelógrafo é importantíssimo pois, é através dele que se permite a ação constante do personagem principal ou sua colaboração em relação à posição no decorrer da história como por exemplo, o personagem aparecer e desaparecer da história.
- O uso de desenhos torna-se interessante aos ouvintes de uma história ter oportunidade de expressar suas idéias e sentimentos no decorrer de uma história.

- O teatro de fantoches – Segundo Jonas Ribeiro, o fantoche além de ser um ótimo brinquedo expressivo, é um excelente recurso didático – Atualmente, educadores utilizam esse recurso para abordar conteúdos programáticos, pois esse recurso possibilita o enriquecimento da aula. Dessa maneira, a educação ganha força ao aliar-se à expressão oral, à expressão plástica.
- Roda de história – A roda de história é privilegiada para atividades em grupos, por permitir igualdade de condições de espaço, audição e visão para todos os seus elementos. Ela favorece a fluência das ações que a atividade envolve. Muitos professores têm usado a situação de roda para desenvolver diferentes atividades na classe. Principalmente nas pré-escolas, é comum encontrarmos algumas atividades de rotina realizadas em roda. Dentre estas atividades em roda, a mais generalizada é a roda de histórias.
- Teatro de sombra – É um recurso simples, mas muito interessante. Coloca-se uma luz forte atrás da cortina, de tal modo que a luz projete nela a sombra dos personagens. Pode-se também usar uma caixa com papel vegetal, projetando-se nela as figuras feitas de cartolina ou cartão preto. Algumas cores também aparecem.
- Videocassete – Já existem várias histórias produzidas em videocassete nos ambientes onde há possibilidade de sua utilização, o vídeo é mais um recurso que pode ajudar o professor a comunicar uma história para a criança. É importante, ao usar um videocassete, que o professor prepare a classe para o que vai ver/ouvir e programe atividades posteriores, a fim de que o recurso seja, de fato, usado como meio de aprendizagem.
- Cineminha – É um recurso antigo e simples, mas que desperta o interesse e a curiosidade da criança, já que a história aparece em pequenos pedaços. A

história pode ser desenhada ou podem ser utilizadas as gravuras do próprio livro. O importante é que os desenhos ou gravuras sejam sequenciadas como para o álbum seriado, para o flanelógrafo, etc.

CAPÍTULO V – ADEQUAÇÃO DAS HISTÓRIAS CONFORME A FAIXA ETÁRIA DO LEITOR

*“Aprender é construir significados relevantes.
Ensinar é oportunizar essa construção”.*

Vasco Moretto,

1 – Fase pré-mágica dos 0 aos 3 anos.

Nessa fase a criança demonstra interesse por histórias diferentes: histórias de bichinhos, brinquedos, objetos, seres da natureza (humanizados) e histórias de crianças.

A criança, nessa faixa etária, prende-se ao movimento de fantoches e a objetos que conversam com elas. As histórias devem ser rápidas e curtas, com poucos textos de um enredo simples e vivo, poucos personagens, aproximando-se, ao máximo das vivências da criança, já que ela acredita que tudo ao seu redor tem vida, por isso, a história transforma-se em algo real, como se estivesse acontecendo mesmo.

2 – Fase mágica dos 3 aos 6 anos.

As histórias adequadas a essa fase devem propor vivências do cotidiano familiar da criança e apresentar determinadas características estilísticas.

Predominando a imagem, (gravuras, ilustrações, desenhos, etc.), sem texto escrito, ou com textos brevíssimos, que podem ser lidos, ou dramatizados pelo adulto, a fim de que a criança perceba a inter-relação existente entre o “mundo real”, que a cerca, e o “mundo da palavra”, que nomeia o real. É a nomeação das coisas que leva a criança a um convívio inteligente, afetivo e profundo com a realidade que a cerca.

As imagens devem sugerir uma situação que seja significativa para a criança, ou que lhe seja, de alguma forma, atraente, a graça, o humor, em certo clima de expectativa, ou mistério, são esses fatores essenciais nos livros para o pré-leitor. As crianças, nessa fase, gostam de ouvir a história várias vezes. É a fase do “Conte outra vez”.

3 – Terceira infância dos 7 aos 11 anos.

Nessa fase as crianças demonstram interesse nos contos de encantamento bem humorados, principalmente as que realcem as astúcias do mais fraco a se defender do mais forte; ou as que ridicularizem o poder arbitrário dos que desrespeitam os direitos dos outros. A criança começa a pensar antes de agir para não cometer erros. É o período de consolidação do aprendizado da leitura e da escrita.

CAPÍTULO VI – HISTÓRIAS PARA CRIANÇAS

6.1 – A importância das histórias

Ah!, como é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas , muitas histórias ... Escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor e ser leitor é Ter um caminho absolutamente infinito de descoberta, e de compreensão do mundo...

O primeiro contato da criança com um texto é feito oralmente, através da voz da mãe, do pai ou dos avós, contando contos de fadas, trechos da Bíblia, histórias inventadas (tendo a criança ou os pais como personagens), livros atuais e curtinhos, poemas sonoros e outros mais ...

Ler histórias para crianças, sempre, sempre... É poder sorrir, rir, gargalhar com as situações vividas pelos personagens, com a idéia do conto ou com o jeito de escrever de um autor e, então, poder ser um pouco cúmplice desse momento de humor, de brincadeira, de divertimento... É também suscitar o imaginário, é Ter a curiosidade respondida em relação a tantas perguntas, é encontrar outras idéias para solucionar questões (como os personagens fizeram ...). É uma possibilidade de descobrir o mundo imenso de conflitos, dos impasses, das soluções que todos vivemos e atravessamos de um jeito ou de outro através dos problemas que vão sendo defrontados, enfrentados (ou não), resolvidos (ou não) pelos personagens de cada história / cada uma a seu modo ... E a cada vez ir se identificando com outro personagem (cada qual no momento que corresponde aquele que está sendo vivido pela criança)... e assim, esclarecer melhor as próprias dificuldades ou encontrar um caminho para a resolução delas ...

E ouvindo histórias que se pode sentir (também) emoções importantes como a tristeza, a raiva, a irritação, o bem-estar, o medo, a alegria, o pavor, a insegurança, a tranqüilidade e tantas outras mais, e viver profundamente tudo o que as narrativas provocam em quem as ouve – com toda amplitude, significância e verdade que cada uma delas fez (ou não) brotar... . Pois é ouvir, sentir e enxergar com olhos do imaginário !

É através duma história que se pode descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e de ser, outra ética, outra ótica É ficar sabendo História, Geografia, Filosofia, Política, Sociologia, sem precisar saber o nome disso tudo e muito menos achar quem tem cara de aula ... porque se tiver, deixa de ser literatura, deixa de ser prazer e passa a ser Didática, que é outro departamento (não tão preocupado em abrir as portas da compreensão do mundo).

6.2 – Sobre histórias Infantis

Para contar uma história – seja qual for – é bom saber como se faz. Afinal nela se descobrem palavras novas, se entra em contato com a música e com a sonoridade das frases, dos nomes Se capta o ritmo, a cadência do conto, fluindo como uma canção ... ou se brinca com a melodia dos versos, com o acerto das rimas, com o jogo das palavras ..., contar histórias é uma arte... e tão linda!!! É ela que equilibra o que é ouvido com o que é sentido, e por isso não é remotamente declamação ou teatro ... Ela é o uso simples e harmônico da voz.

Daí que quando se vai ler uma história seja qual for – para a criança não se pode fazer isso de qualquer jeito, pegando o primeiro volume que se vê na estante ... e aí no decorrer da leitura, demonstrar que não está familiarizado

com uma ou outra palavra (ou com várias), empacar, ao pronunciar o nome de um determinado personagem ou lugar, mostrar que não percebeu o jeito como o autor construiu suas frases e ir dando pausas nos lugares errados, fragmentando um parágrafo porque perdeu o fôlego ou fazendo ponto final quando aquela idéia continuava, deslizando na página ao lado.

Pior ainda, ficar escandalizado com uma determinada fala, ou gaguejar ruborizado porque não esperava encontrar um palavrão, uma palavra desconhecida, uma gíria nova, uma expressão que o adulto leitor não usa normalmente ... Aí não há como segurar a sensação de ridículo e mal-estar, e tudo degradingola.

Mas claro que não é apenas no terreno da leitura das palavras que as dificuldades podem surgir ... E o conteúdo da história, as relações entre os personagens, mentiras que ela pode colocar, os preconceitos que pode passar, a fragilidade duma narrativa onde não acontece absolutamente nada ??? Por isso, ler o livro antes, bem lido, sentir como nos pega, nos emociona ou nos irrita ... Assim, quando chegar o momento de narrar a história, que se passe a emoção verdadeira, aquela que vem lá dentro, lá do fundinho, e que, por isso, chega no ouvinte ...

A ensaísta cubana Alga Marina Elizagaray diz uma coisa clara e importante: “O narrador tem que transmitir confiança, motivar a atenção e despertar a admiração. Tem que conduzir a situação como se fosse um virtuose que sabe seu texto, que o tem memorizado, que pode permitir-se o luxo de fazer variações sobre o tema.”

Claro que se pode contar qualquer história a criança: comprida, curta, de muito antigamente ou dos dias de hoje, contos de fadas, de fantasma, realistas, lendas, histórias em forma de poesia ou de prosa ... Qualquer uma, desde que

fundamental dar longas pausas quando se introduz o “Então”... , para que haja tempo de cada uma imaginar as muitas coisas que estão para acontecer em seguida ... E é bom valorizar o momento em que o conflito está acontecendo e dar tempo, muito tempo, para que cada ouvinte o vivencie e torne a sua posição ...

É bom saber começar o momento da contação , talvez do melhor jeito que as histórias sempre começaram, através da senha mágica “Era uma vez...” ou de qualquer outra forma que agrade o contador e aos ouvintes ... Ah, e segurar o escutado desde o início, pois se ele se desinteressa de cara, não vai ser na metade ou quase no finalzinho que vai mergulhar ... Ah, não precisa ter pressa em acabar, ao contrário, ir curtindo o ritmo e o tempo que cada narrativa pede e até exige ... E é bom saber dizer que a história acabou dum jeito especial. “ E assim acabou a história. Entrou por uma porta , saiu pela outra, quem quiser que conte outra”... Ou com outro refrão que faça parte do jogo cúmplice entre a criança e o narrador ... Ou simplesmente respirar fundo, olhar bem nos olhos e pronunciar “Fim” Ou... Ou...

E mostrar a criança que o que ouviu está impresso num livro / se for o caso / e que ela poderá voltar a ele tantas vezes quanto queira / ou deixá-lo abandonado pelo tempo que seu desinteresse determinar/. E quando a criança for manusear o livro sozinha , que folheie bem folheado, que olhe tanto quanto queira, que explore sua forma, que se delicie em retirá-lo da estante / encontrando-o sozinha, em casa ou na escola/que vire página por página ou que pule algumas até reencontrar aquele momento especial que estava buscando ... (mesmo que ainda não saiba ler, ela o encontra ... e fácil!).

6.4 - Contar histórias ... só para quem sabe ler !

Ouvir histórias não é uma questão que se restrinja a ser alfabetizado ou não ... Afinal , adultos também adoram ouvir uma boa história, passar noites contando causos, horas contam histórias pelo telefone (verdadeiras , fictícias, vontades do que aconteça...) querer partilhar com outros algum momento que não tenham vivido juntos... Quantas vezes, no meio de um papo cálido e próximo, ou agitado e risonho, alguém diz: “Ei, eu já te contei essa história? Não ??? Nossa.. Pois é ...

Se é importante para o bebê ouvir a voz amada e para a criança pequenina escutar uma narrativa curta, simples, repetitiva, cheia de humor e de calidez (numa relação a dois), para a criança de pré-escola ouvir histórias também é fundamental (agora numa relação a muitos: um adulto e várias crianças). Ah, é aí, antes de começar, é bom pedir que se aproximem, que formem uma roda, para viverem algo especial. Que cada um encontre um jeito gostoso de ficar: sentado, deitado, enroladinho, não importa como ... cada um a seu gosto ... e depois, quando todos estiverem acomodados, aí começar “Era uma vez”...

O ouvir também histórias podem estimular o desenhar, o musicar, o sair, o ficar, o pensar, o teatrar, o imaginar, o brincar, o ver o livro, o escrever, o querer ouvir de novo, (a mesma história ou outra). Afinal, tudo pode nascer dum texto! No princípio não era verso? Então ...

E mesmo as crianças maiores, que já sabem ler, também podem sentir grande prazer no ouvir ... Afinal, não ouvem discos , não escutam rádio (sem nenhuma imagem)?! Alga Marina Elizagaray, no seu livro já citado, lembra: “Não devíamos esquecer nunca que o destino da narração de contos é o de

ensinar a criança a escutar, a pensar e a ver com os olhos da imaginação. A narração é antiquíssimo costume popular que podemos resgatar da noite dos séculos, mas nunca tecnicá-la com elementos estranhos a ela. Usar slides ou qualquer outro meio de ilustração e distração é interferir e neutralizar a sua mensagem, que é sempre auditiva e não visual”.

Ouvir histórias é viver um momento de gostosura, de prazer, de divertimento dos melhores ... É encantamento, maravilhosamente, sedução ... O livro da criança que ainda não lê é a história contada. E ela é ou pode ser ampliadora de referenciais potura colocada, inquietude provocada, emoção deflagrada, suspende a ser resolvido, torcida, desenfreada, saudades sentidas, lembranças ressuscitadas, caminhos novos apontados, sorriso, gargalhadas, belezuras desfrutadas e as mil maravilhas mais que uma boa história provoca ... (desde que seja boa).

Uma das atividades mais fundantes, mais significativas, mais abrangentes e suscitadoras dentre tantas outras é a que decorre do ouvir uma boa história, quando bem contada. Como disse Louis Paswels. Quando uma criança escuta, a história que se lhe conta penetra nela simplesmente, como história. Mas existe uma orelha detrás da orelha que conserva a significação do conto e o revela muito mais tarde.

Quando a criança sabe ler é diferente sua relação com as histórias, porém, continua sentindo enorme prazer em ouvi-las.

É de fundamental importância que os professores da pré-escola conte histórias para seus alunos.

O professor precisa curtir o ritmo que cada narrativa pede e até exige.

CAPÍTULO VII – CONTOS DE FADAS

7.1 - A Natureza da Literatura Infantil

“A Literatura Infantil é antes de tudo literatura, ou melhor, é arte; fenômeno de criatividade que representa o mundo, o homem, a vida, através da palavra. Funde os sonhos e a vida prática; o imaginário e o real; os ideais e sua possível /impossível realização.

Literatura é uma linguagem específica que, como toda linguagem, expressa uma determinada experiência humana e dificilmente poderá ser definida como exatidão”.

(Neli Novais Coelho p.24)

7.2 - A Origem dos Contos de Fadas e alguns Autores Importantes.

A origem dos Contos de Fadas, é muito antiga, como sabemos , esta na tradição oral popular de diversas partes do mundo.

Pode-se dizer que os Contos de Fadas, na versão literária, atualizam ou reinterpretam suas variantes questões universais como os conflitos do poder e a formação dos valores, misturando realidade e fantasia, no clima do “Era uma vez”...

Por lidarem com conteúdos da sabedoria popular, com conteúdos essenciais da condição humana, é que esses Contos de Fadas são importantes, perpetuando-se até hoje nelas encontramos o amor, os medos, as dificuldades de ser criança, as carências (materiais e afetivas), as auto-descobertas, as perdas, as buscas, a solidão e o encontro.

Os Contos de Fadas caracterizam-se pela presença do elemento “Fada” etimologicamente, a palavra fada vem do latim *fatum* (destino, fatalidade, oráculo).

Tornaram-se conhecidas como seres fantásticos ou imaginários, de grande beleza, que se apresentavam sob forma de mulher. Dotadas de virtudes e poderes sobrenaturais, interferem na vida dos homens, para auxiliá-los em situações-limite, quando já nenhuma solução natural seria possível.

Podem, ainda, encarnar o mal e apresentarem como o avesso da imagem anterior, isto é, como bruxa. Vulgarmente, se diz que fada e bruxa são formas simbólicas de eterna dualidade da mulher, ou da condição feminina.

O enredo básico dos Contos de Fadas expressa os obstáculos, ou provas, que precisam ser vencidas, como um verdadeiro ritual iniciático, para que o herói alcance sua auto-realização existencial, seja pelo encontro de seu verdadeiro “eu”, seja pelo encontro da princesa, que encarna o ideal a ser alcançado. Pode lutar e demonstra, irrecusavelmente, o pensamento do homem dominado pela força do desconhecido. De origem muitas vezes anônima, a lenda é transmitida e conservada pela tradição oral.

Mitos são narrativas tão antigas quanto o próprio homem e nos fala de deuses, duendes, heróis fabulosos ou de situações onde o sobrenatural domina, é ao mesmo tempo, uma história contada, um esquema lógico que o homem cria para resolver problemas que se apresentem sob planos diferentes, esta é necessariamente a preocupação central do mito. Ele apresenta seu tema de uma forma majestosa; transmite uma força espiritual; e o divino está presente e é vivenciado na forma de heróis sobre-humanos que fazem solicitações constantes aos simples mortais. Por mais que nós, os mortais, possamos

empenhar-nos em ser como estes heróis, permanecemos sempre inferiores a eles.

O mito surge do fundo dos tempos, talvez seja a primeira forma de comunicação do homem. Na literatura brasileira encontramos a presença de mitos e esses são relacionados com a natureza.

Dentre os contadores de histórias podemos citar alguns compiladores importantes: Na França, Charles Perrault; Na Alemanha, os irmãos Grimm, Na Dinamarca, Hans Christian Andersen e no Brasil Monteiro Lobato.

Segundo Jesualdo (1985 : 136) a essência destes contos não constitui “produto de elucubrações pessoais e caprichosas e sim o fundo do conhecimento dos homens, tais como o sabiam e diziam; nunca palavra, o folclore dos povos”. Estas histórias contadas pelo povo, e que percorrem séculos, chamaram a atenção de alguns estudiosos que se empenharam num trabalho de compilação dos contos, colhendo-os diretamente da tradição oral. Graças a esse trabalho, temos hoje a nosso algumas coletâneas de contos de fadas, merecendo destaque a de Charles Perrault – “Contos da Mãe Gansa”, também intitulada “Histórias ou Contos do Tempo Passado com Moralidades” (1967) e a dos Irmãos Grimm – “Contos de Fadas para Crianças e Adultos” (1812).

Sabemos que Charles Perrault, erudito acadêmico francês, não escreveu apenas os contos que compõem a obra “Contos da Mãe Gansa” (obra que o consagrou mundialmente), mas foi, sem dúvida, com esse trabalho que o escritor rompeu com o preconceito mantido em torno da cultura popular e em torno da criança, que na época não tinha uma literatura própria.

Apontado muitas vezes como escritor que se dedicava a literatura, “menor” ou a “bagatelas literárias”, como dizia a crítica da época, Perrault

explicita, num prefácio da edição de 1695, que reúne três contos populares – Grisélides, Pele de Asno e os Desejos Ridículos: *Coelho. N.N. A Literatura Infantil. São Paulo. Ed. Quiron. 1987. P.120*

(...) Houve pessoas que perceberam que essas bagatelas não são simples bagatelas, mas que guardam uma moral útil, e que a narração que as conduz não foi escolhida se não para fazer entrar (tal moral) de maneira mais agradável no espírito e de uma maneira que instrui e diverte ao mesmo tempo. Isto me basta para não temer e ser acusado de me divertir com coisas frívolas. (*Perrault, adap. Coelho, 1991:88*)

Quase dois séculos depois da publicação de “Contos da Mãe Gansa”, surge na Alemanha “Contos de Fadas para Crianças e Adultos” (1812), de autoria dos Irmãos Grimm.

Esses escritores foram estudiosos pesquisadores que, no século XIX, viajavam por toda Alemanha conversando com o povo, levantando suas lendas, sua linguagem, estudando o folclore de sua terra. Percorrendo estes “caminhos” os Irmãos Grimm encontravam nas camadas mais populares de sua gente, o que hoje no mundo inteiro se conhece como “Os Contos dos Irmãos Grimm”. Coelho (1991 : 140) diz :

“Buscando encontrara as origens da realidade histórica nacional ; os pesquisadores encontram a fantasia, o fantástico, o místico, e uma grande literatura infantil surge para encontrar as crianças do mundo todo”.

Muitos contos publicados pelos Irmãos Grimm já haviam sido registrado por Perrault na França, e quase dois séculos depois, circulação pelas camadas populares da Alemanha – Cada povo assimilou e transmitiu, de geração a geração, essas histórias de maneiras diferentes.

Precisamos destacar também a contribuição do dinamarquês Hans Christian Andersen para o acervo dos Contos de Fadas.

De origem pobre, Andersen parte da sua própria vivência para escrever as histórias que encantaram a infância, transformando-se “em um dos mais famosos escritores para crianças em todo o mundo” (Coelho, 1991 :148).

Sua projeção como escritor universal é marcada, principalmente, pelo traço do cotidiano e da realidade concreta de suas histórias, embora o fantástico e o maravilhoso sempre estejam presentes para diminuir ou amenizar as “durezas da vida”. (“O Soldadinho de Chumbo”, “O Patinho Feio”, “A Rainha da Neve”, etc.) Ilustra essa perspectiva, a seguinte colocação de Villasante (1987:33) *Coelho N.N. Literatura Infantil Teoria /Análise/Didática. São Paulo: Ática. 1991.*

“ Os Contos de Grimm adquirem uma popularidade enorme em toda a Europa, o mesmo aconteceu com os de Perrault e os de Andersen; as crianças divertem-se com eles, e contentam-se com o aparente, e nós, os adultos, descobrimos um profundo simbolismo. Quando uma famosa e bondosa menina dá um beijo a um monstro que se transforma em príncipe, compreendemos o significado da bondade como compreendemos que o beijo de amor desperte a bela adormecida. Porque, em resumo, nós fomos príncipes encantados e belas adormecidas que precisamos ser despertados pela poesia”.

Além desses escritores não podemos nos esquecer do brasileiro Monteiro Lobato, quer encontrou o novo caminho criador que a Literatura Infantil Brasileira estava necessitando ; ele conseguiu se realizar ao construir um mundo onde todos os seus sonhos pudessem ser concretizados através da

fantasia: Sítio do Pica-Pau Amarelo. O maravilhoso na obra lobatina é possível ser vivido por qualquer um, onde os seus personagens convidam os leitores a mergulhar neste mundo de fantasia.

Seu trabalho como tradutor foi extremamente fecundo, foram numerosíssimas as obras importantes traduzidas, das quais merecem especial relevo: “Alice no País das Maravilhas” de Lewis Carrol; “O Lobo e o Mar” de Jack London; “Pollyana Moça” de Eleonor Porter; “Novos Contos” de Andersen e “Contos de Fadas” de Perrault.

Por tudo isso, os contos de fadas fazem parte do vastíssimo patrimônio do imaginário popular pois, apesar da avalanche de brinquedos eletrônicos, jogos, videogames, etc., vem resistindo à peneira do tempo.

E, como patrimônio da literatura, os contos de fadas vêm despertando muitas reflexões, pois constituem –se em um rico material, oferecendo possibilidades inesgotáveis de estudo em seus aspectos psicoterapêuticos, sócio-histórico-cultural, lingüístico, etc. A sua utilização na sala de aula tem contribuição, de forma significativa, para o ensino de leitura/escrita.

Villasante. CB. História da Literatura Infantil Universal. Vol.1 Lisboa : Vaga.1987.

7.3 – A Importância das Histórias Infantis para às Crianças.

Ah!, como é importante para formação de qualquer criança ouvir muitas, muitas histórias... Escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descoberta, e de compreensão do mundo ...

Hoje, como no passado, tanto as crianças mais criativas quanto as que demonstram menor criatividade podem estar voltadas para o mundo imaginário dos contos de fadas, pois os contos de fadas, diferente de qualquer forma de literatura, encaminha a criança para a descoberta de sua identidade, além de proporcionar experiências que são necessárias para o desenvolvimento de seu caráter.

As histórias relatadas nos contos de fadas muitas vezes incentivam a criança a ousar, a lutar e acreditar que os poderes dos personagens benevolentes virão a seu favor, já outras destacam que os personagens temerosos serão perdedores por não se arriscarem, enfatizando assim que uma vida compensadora e boa está ao alcance da pessoa.

As gerações passadas de crianças que amavam e sentiam a importância dos contos de fadas estavam submetidas ao escárnio somente dos pedantes. A maioria delas agora conhece os contos de fadas só em versões amesquinhas e simplificadas, que amortecem os significados e rouba-nos de todo o significado mais profundo, onde os contos de fadas são transformados em diversões vazias.

Essas diversões vazias ocorre devido ao espaço que a televisão, os videogames, e os filmes ganharam na vida das crianças, banalizando a literatura infantil e fazendo com que o ato de contar história fique um pouco esquecido.

Através da maior parte da história da humanidade, a vida intelectual de uma criança fora das experiências imediatas dentro da família, dependeu das histórias míticas e religiosas e dos contos de fadas. Esta literatura tradicional alimentava a imaginação e estimulava as fantasias. Simultaneamente, como estas histórias respondiam às questões mais importantes da criança, eram um

agente importante de sua socialização. Os mitos e as lendas religiosas mais intimamente relacionadas ofereciam um material a partir do qual as crianças formavam os conceitos de origem e propósito do mundo, e dos ideais sociais que a criança podia buscar como padrão.

A importância dos contos de fadas para o indivíduo em crescimento reside em algo mais do que ensinamentos sobre as formas corretas de comportamento, os seus conteúdos pode muitas vezes tornar-se uma terapia, pois o leitor ou ouvinte encontra sua própria solução através da contemplação do que a história parece implicar acerca de seus conflitos internos neste momento da vida, por isso a história jamais poderá ficar fora do seu dia-a-dia.

O conto de fadas claramente não se refere ao mundo exterior, embora possa começar de forma bastante realista e Ter entrelaçado os traços do cotidiano, logo a natureza irreal dos contos é um importante andamento para ativar a imaginação nos processos interiores que ocorrem num indivíduo.

É através do conto, apresentado de modo simples, que a criança muitas vezes sente-se segura devido a expectativa de um futuro promissor com um final feliz que é transmitido nas histórias contadas.

Além da seguridade citada anteriormente, é ouvindo histórias que o infante também pode sentir emoções importantes, como a tristeza, a raiva, a irritação, o bem-estar, o medo, a alegria, o pavor, a insegurança, a tranqüilidade e tantas outras, vivendo profundamente tudo o que as narrativas provocam com toda significância que o faz ouvir e enxergar com os olhos do imaginário.

Contar histórias para a criança é uma atividade de grande valor educativo, ao escutá-la a criança fica presa às imagens que se sucedem mais facilmente à sua mente, transmitidas pela voz do “interlocutor”, auxilia pela

mímica de gestos e da expressão fisionômica. A história contada prepara o terreno para o livro, despertando para o desejo de ler.

O conjunto de histórias a ser narrado na escola deve ser muito amplo e incluir não só obras literárias infantis, mas também histórias fantásticas veiculadas pela tradição cultural, pelas histórias da comunidade, estado ou país.

Os livros de literatura, as histórias, as lendas, ou outros tipos de leitura e contos educativos é de grande importância na formação do bom leitor, sem contar que o orientador ou professor deve considerar sempre a bagagem cultural de cada criança e proporcionar situações em que ela escreva, manifeste sua opinião e conte fatos ocorridos em seu cotidiano.

Portanto, ouvir histórias é essencial na vida de qualquer criança desde que a criança seja incentivada a expressar sua autonomia, seus sentimentos, a despertar a sua curiosidade, a comunicar seus pensamentos de forma a desenvolver sua imaginação e sua seqüência lógica.

7.4 - Algumas considerações sobre os personagens infantis.

O personagem, como é o elemento diretamente ligado à ação, aos fatos e acontecimentos da seqüência narrativa, movimentando-se num tempo e num espaço específico, é fundamental para qualquer estudo funcional.

A construção do personagem como herói, mesmo quando esse herói é problemático, possibilita não só uma chave decifratória do texto como análise, que nos interessa mais de perto, de como a criança e o jovem – sujeitos em formação- poderão desenvolver o processo de identificação e

rejeição com as características dominantes dos personagens. Nós nos identificamos com eles; reconhecemos neles partes da nossa identidade de nosso imaginário por eles figurado.

Apoiados nas pesquisas existentes e na prática da leitura, podemos afirmar que os personagens da literatura infantil são tipos que existem a serviço do enredo: os atributos (beleza, sexo, idade, cor) funcionam para demonstrar uma tese de ordem moralizante e pedagógica, caracterizando um modelo fechado de narrativa ao qual não se pode atribuir valor literário, na maioria dos casos.

Os personagens são estereotipados , apresentando reações previsíveis e se colocando em nítida posição de inferioridade em relação à fala do adulto, papel do personagem e fundamental, seja ele representado como personagem-adulto, seja como personagem-criança. E isso porque tal literatura deve buscar a comunicação com o leitor mirim através de sua profunda identificação com os personagens.

Na literatura infanto juvenil a posição do narrador e dos personagens será de importância primordial para assegurar ao gênero seu estatuto literário, e com isso libertá-lo da vocação pedagógica moralizante proveniente das circunstâncias históricas de seu surgimento. O enfraquecimento do poder autoritário do narrador, na maioria das vezes representado pelo adulto, e a força dada ao crescimento dos múltiplos pontos de vista dos personagens implicarão a identificação do leitor com o universo ficcional, numa perspectiva ou liberdade, e não de imposição ou de sedução por parte de um doador despótico.

Sônia Salomão Khide afirma “que para identificar o personagem como pessoa foi uma constante durante um vasto período histórico, a modernidade

foi responsável pela fragmentação do indivíduo agora não mais percebido como um ser global e pleno”.

No entanto vivemos uma verdadeira crise de representações em todos os níveis da atividade humana, como a arte sempre supôs a representação da realidade, essa crise de representação levou a uma crise de identidade que se manifesta a partir do personagem.

Por configurar a fragmentação e os conflitos do mundo moderno, os personagens não apresentam contornos nítidos.

Em muitas narrativas contemporâneas as forças sociais se sobrepõem à força do personagem como agente, por exemplo.

As crianças são bastante influenciadas pelos personagens, tornando-os como modelo, vivenciando as emoções dos personagens da história ouvida. De acordo com a realidade da criança, os personagens surtem efeito tanto positivo quanto negativo. Por isso cabe ao professor ter bastante cuidado com a história que vai contar e com os personagens que nela aparecem, pois a criança tem o poder de transferir a fantasia dos contos para a realidade, imaginando ou criando no seu mundo real um personagem idêntico ao da história ouvida. As crianças fazem essa transferência com muita simplicidade, sem se dar conta que o mundo imaginário é totalmente diferente do mundo real e, na mente dessas crianças, as pessoas tornam-se personagens como o da história que elas ouviram e acreditam, pois as crianças não sabem diferenciar a fantasia do real, e por isso, acabam trazendo os personagens e os incorporando em pessoas com as quais convivem, pois para essas crianças as pessoas são como personagens das histórias e agem como tal. Ex: Se na história a bruxa ou a madrasta é má, na realidade as crianças acham que todas as madrastas são más e as generaliza como bruxas.

Sendo assim, o professor, antes de contar histórias precisa analisar se alguma criança está vivenciando a situação parecida com a dos personagens da história escolhida, evitando assim, que as crianças transportem os personagens da fantasia para o seu mundo real, para que não atrapalhe a convivência com as pessoas que as cerca.

7.5 - A história infantil e sua fantasia.

Se o fantástico se opõe ao real, será fantástico o que for criado pelo espírito, pela fantasia. O que é “irreal” na narração fantástica: os animais que falam, possibilidade de voltar ao tempo. O que não é visível para todos mas que é criado pelo imaginário. A narração fantástica reúne, materializa e traduz todo um mundo de desejos, realização de grandes sonhos. As relações real-imaginária não tão distantes.

E essa necessidade que a criança tem , vez por outra de escapar de si mesmo pela ficção de se colocar “na pele” de outra pessoa, de um animal. Fica fascinada pelas transformações mágicas, certamente, observa Henri Wallon, é porque, na procura de si mesmo, sofrendo com sua inferioridade, desejando ser adulto, projeta-se com prazer sobre o herói.

Afinal razão e imaginação não se constróem uma contra a outra mas, ao contrário, uma pela outra. É auxiliando a infância a manipular essa imaginação criadora que vamos torná-la racional.

O fantástico é arte de transcender a angústia, a alucinação e a idéia fixa. Papel terapêutico do conto que cita Colette Chiland: Pelo tesouro dos contos facilitamos as elaborações mentais: Se ter medo do lobo permite à criança ter medo de seu pai ou de sua mãe, as relações cotidianas melhoram para a

criança, desde que o lobo permaneça um objeto mortal dominado por ela. Esta última precisão aparece como capital, pois, coloca justamente todo o problema, ainda pouco explorado de verdadeira educação do imaginário, de aprendizagem mais lúcida e consciente desse vaivém constante do real ao imaginário e vice-versa. Auxiliar a criança a crescer jamais quis dizer preservá-la de qualquer choque, nem pô-la ao abrigo de tal forma do real. Auxiliar a criança significa dosas essa abordagem de certas realidades, tentar torná-la progressiva, proporcional às forças, a resistência de uma criança.

A infância é a época em que a fantasia precisa ser nutrida, sem fantasia não temos forças para enfrentar as adversidades da vida. A criança com um alto teor de fantasia é mais estruturada e criativa que o adulto, e tende a ser agressiva mais verbalmente do que fisicamente. Sabemos que quanto mais infelizes e despreparados estamos, tanto mais necessitamos de ser capazes de envolvermo-nos em fantasias otimistas. Embora a fantasia seja irreal, os bons sentimentos que ela nos dá sobre nós mesmo e nosso futuro são irreais, e estes bons sentimentos reais são o de que necessitamos para sustentar-nos.

Muitos dos contos modernos têm fins tristes, e não conseguem prover o escape e o consolo que os eventos amedrontadores nos contos de fadas fazem necessários, para fortificar a criança no seu difrontamento com as intempéries de sua vida. Sem estas condições incorojadoras, a criança, depois de ouvir a estória se sentirá sem nenhuma esperança verdadeira em sua vida. Este então é o consolo fundamental que está implícito no final habitual do conto: “E viveram felizes para sempre”. A felicidade e a realização que são o consolo fundamental do conto, Folken frisa que o final feliz deve existir em todas as estórias de fadas completa.

Uma história não tem necessidade de ser verdadeira mas ser bela. A criança da vida ao que toca: animais, plantas, pedras. O fantástico, dir-se-a, reúne na criança toda uma visão animista do mundo. Responde às necessidades psicológicas. A criança prolonga uma visão animista do mundo, que certamente existe. E que se torna então, proteção e refúgio contra as exigências externas que à atrapalha ou meio de ela se distrair quando se aborrece.

A criança precisa entender o que está se passando dentro do seu inconsciente. Esta pode atingir essa compreensão, e com isto a habilidade de lidar com as coisas, não de modo racional da natureza e contudo do seu inconsciente, mas familiarizando-se sobre elementos adequados da estória em resposta a pessoas inconscientes.

A fantasia preenche as enormes lacunas na compreensão de uma criança que são devidas à imaturidade de seu pensamento e a sua falta de informação. Os contos ajudam a criança mostrando com clareza toda essa fantasia. Estes começam de modo realista. Sua nacionalidade exerce pouco controle sobre o inconsciente, a imaginação escapa sob a pressão de suas emoções.

Os lugares mais estranhos, e ao mesmo tempo mais familiares de que fala um conto, sugere uma viagem ao interior de nossa mente, nos domínios da consciência e do inconsciente. Tendo levado a criança a realidade, de forma mais reasseguradora possível. Logo, não é prejudicial permitir que a fantasia nos domine em pouco, desde que não permaneçamos presos a ela permanentemente.

CAPÍTULO VIII - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo de nosso trabalho evidenciamos a importância do ato de contar histórias para crianças, pois percebemos que o mais emocionante ao narrá-las é o envolvimento, o encantamento, as descobertas, o fascínio que as histórias infantis proporcionam ao pequeno ouvinte.

Percebemos ainda que, mesmo sendo algo de suma importância, infelizmente, a Literatura Infantil não tem sido uma constante na vida de nossas crianças, já que muitas vezes ela é transmitida de maneira inadequada, sem motivação, sem despertar na criança o gosto pela literatura na sala de aula.

Partindo dessa premissa, em pesquisa realizada, constatamos no corpus de nosso trabalho que, nas escolas públicas de primeira a Quarta série do Povoado de Umbuzeiro, muitos educadores não fazem o uso da Literatura Infantil em sala de aula, já que a preocupação principal dos mesmos é com o conteúdo programático das suas disciplinas (matemática, português, geografia, etc.), não retirando a grande valia que as referidas possuem, mas, por outro lado, não podemos minimizar, muito menos esquecer o valor da Literatura Infantil para o desenvolvimento lingüístico e emocional das crianças.

Assim, procuramos enfatizar passos, técnicas, formas, recursos, referências teóricas, experiências que venham contribuir para o bom desempenho do educador em sala de aula.

Consideramos que contar história é uma arte que requer certa tendência inata, requer predisposição para todos aqueles que se propõem contá-la, tendo o contador que demonstrar interesse naquilo que está fazendo e se comportam

como mero transmissor para toda atenção da criança seja voltada para o texto apresentado.

Neste sentido, sabemos que a tarefa de contar história não é simplesmente “contar história” é algo muito mais que isso, pois é através da história que o infante desperta o interesse pela leitura, e pela escrita, desenvolvendo a linguagem oral, o raciocínio lógico, além de despertar suas emoções.

Sabemos que nossa temática não se trata de um assunto novo mas, o que queremos é deixar aqui a nossa parcela de contribuição para a melhoria do ensino visando a aplicação da literatura em sala de aula.

Portanto, nosso trabalho constitui também num desafio para os educadores, pais e toda comunidade envolvida no processo educativo, na busca de ingressar verdadeiramente a Literatura Infantil na vida de nossas crianças as, quais muitas vezes estão distantes deste mundo imaginário que é o das histórias infantis.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAMOVICH, Fanny.** Literatura Infantil: gostosuras e bobices. 2ª ed. São Paulo: Scipione, 1989.
- BETTELHEIM, Bruno.** A psicanálise dos Contos de fadas. Trad. Arlene Caetano. 10ª - ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
- COELHO, Maria Betty Silva.** Contar Histórias uma arte sem idade. São Paulo, Ática, 1997.
- COELHO, Nelly Novaes.** Literatura Infantil. 6ª ed. São Paulo: Ática, 1980.
- D'ÁVILA, Antônio.** Literatura Infanto – Juvenil. 6ª ed. São Paulo: Editora Brasil, 1967.
- JESUALDO.** A Literatura Infantil. São Paulo: Cultrix, 1985 à 1993.
- KHÉDE, Sonia Salomão.** Personagens da Literatura Infanto – Juvenil. 2ª ed. São Paulo: 1990.
- RIBEIRO, Jonas.** Ouvidos Dourados. A arte de ouvir as histórias (... Para depois contá-las...). 1ª ed. São Paulo: Ave-Maria, 1999.
- VILLASANTE, C.B.** História da Literatura Infanto Universal. Vol. 1. Lisboa: Veja, 1987.

RESUMO

A carência da história infantil em sala de aula torna-se objetivo de estudo para os educadores das séries iniciais do ensino fundamental que buscam resgatar o ato de contar história.

Sabemos que compete a escola a tarefa formal de ensinar a ler e escrever. Desta forma é necessário estabelecer um compromisso maior com a qualidade e o aproveitamento da história como fonte prazer e de aprendizagem.

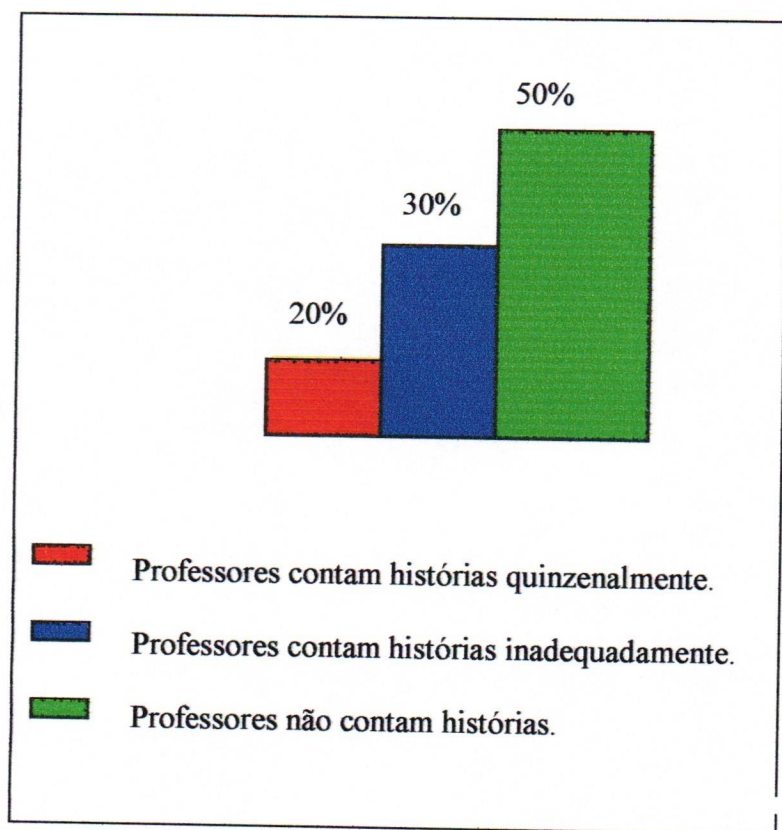
É de suma importância ressaltar que este trabalho científico tem como objetivo oferecer subsídios teóricos e metodológicos aos professores do Ensino Fundamental – 1ª à 4ª série concernentes ao ato de contar histórias. Procuramos embasar teoricamente esta pesquisa a partir de alguns autores comprometidos com o tema “A Arte de Contar Histórias”, principalmente: Betty Coelho, Fanny Abramovich, Jonas Ribeiro e Bruno Bettelheim.

As perspectivas teóricas desses autores é desenvolver na criança o gosto pela leitura e escrita, através da história, que é tão necessária para a formação das crianças.

O compromisso do educador não está apenas limitado ao conteúdo a ser trabalhado; mas também com a qualidade desse conteúdo. Assim estará contribuindo na construção do conhecimento e na formação de cidadãos conscientes, agentes de transformação social.

Podemos concluir que a dificuldade no uso de história infantis como recurso pedagógico deve-se à falta de conhecimento da importância das histórias para o pequeno ouvinte, além de que muitos professores não estão embasados sobre sua utilização em sala de aula.

ANEXOS



Fonte: Abraham Lincoln e Cora Ribeiro
* Dez (10) professores entrevistados.

QUESTIONÁRIO/PROFESSOR

- 1 – Você costuma contar história para seus alunos com frequência ?
Sim. 2 ou 3 vezes por semana.
- 2 – Você acha que o conto de história em sala de aula pode desenvolver na criança o gosto pela leitura ?
Sim. Porque é um incentivo para as crianças.
- 3- Quais os recursos que utiliza para contar histórias ?
fantoques, livro, aluno, som.
- 4 – Quais ao autores de histórias infantis que você mais gosta ?
Monteiro Lobato, Irmãos Grimm, Silvia Carvalho.
- 5 – Que dificuldades o professor enfrenta para contar história ?
Atenção dos alunos.
- 6 – Que tipos de história você conta ?
Fábulas e Contos.
- 7 – Que tipo de atividade você trabalha após a história ?
Ilustração, reconto de histórias, criação da própria história.
- 8 – Quais critérios você usa para escolher uma boa leitura ?
O meu gosto
- 9 – Você lê a história antes de contá-la ?
Sim.

Entrevistadas :

Vanúzia Lima de Souza
Dinorá Xavier

FÁBULAS EM SALA DE AULA.

A educação infantil vem ganhando reconhecimento nas políticas públicas nacionais cada vez maior, uma vez que está sendo vista como prioridade social e educacional pelo papel que cumpre na formação de base do ser humano.

As novas discussões e tendências em educação apontam para uma visão mais global do processo de ensino-aprendizagem e, conseqüentemente, dos atores do fazer educativo.

Exemplo dessa preocupação é o documento da UNESCO, relatório Jacques Delors: Educação um tesouro a descobrir (1996) que versa sobre a educação do terceiro milênio ..., que não tem a pretensão de negar o trabalho que as escolas sempre fizeram e fazem com as fábulas. No entanto, a função educativa da fábula não reside simplesmente no que se conta essas histórias, e é nesse momento, que se torna importante refletir sobre o papel do professor, a exemplo do lugar ativo ocupado por ele ao reviver a história com os alunos.

Suscitar nos alunos a pedagogia do arrepio, da surpresa, do palpitar, do procurar, numa atitude que provoque a curiosidade, o interesse deste a partir de perguntas e intervenções que possam criar o desequilíbrio (no sentido Piagetiano) entre o sabido e o desconhecido, a informação dada e a informação nova, a surpresa e a dúvida.

As fábulas permitem a realização da síntese, mundo das pessoas/ mundo dos animais/ mundo das coisas, pois os objetos, as coisas e as situações reais e virtuais das fábulas, são interessantes pelo seu sentido humano, seu conteúdo social, sua relação com os acontecimentos humanos e a forma destes agirem sobre o mundo e as coisas.

Autora : BARBOSA, Eliene Maria da Silva.

COMO TRABALHAR A LITERATURA INFANTIL

O conteúdo dos livros serve para divertimento e também para explorar temas os mais diversos, ligados direta ou indiretamente às áreas de conhecimento e aos **Temas Transversais**, conforme os **Parâmetros Curriculares Nacionais**.

- Trabalhar com histórias permite às crianças viajar num mundo de encanto e cheio de surpresas, além de propiciar aos alunos bons momentos e novos conhecimentos.

Deve-se criar a “Hora do Conto”, onde as crianças têm a oportunidade de ler histórias, fazer empréstimos de livros, dramatizar as histórias lidas.

A escolha do livro

- Pode ser aproveitado o tema de um projeto que esteja sendo trabalhado, ser escolhido pelos alunos ou pelo professor.
- Sugerimos escolher um livro que a maioria dos alunos não conheça, pois, sendo uma novidade, estará criando um clima de suspense.
- É interessante interromper a leitura durante o conflito de algum personagem, uma dúvida ou uma situação inesperada.
- Podemos aproveitar essas interrupções para questionar as crianças: – O que acontecerá agora? Cada aluno dará a sua opinião e depois comparam com a história.



O registro

- Após a leitura, a criança é estimulada a fazer um resumo, uma síntese ou a escrever as principais partes da história. Elas poderão também fazer desenhos.
- Depois, cada um montará o seu livro, que ficará exposto no “Cantinho do livro”.
- Ao término de uma história, escolher com as crianças o próximo livro a ser lido.
- Os alunos também podem organizar a **Hora do Conto**, utilizando os resumos das histórias lidas e confeccionando material para suas apresentações (fantoques, desenhos, cartazes, etc).

QUANDO A FANTASIA SE MISTURA À REALIDADE

A criança, quando ouve uma história, tem informação, tem lazer, imagina situações, tem oportunidades de desenvolver sua capacidade criadora, porque as histórias permitem o uso da fantasia, da imaginação, que na faixa de idade em que ela se encontra são predominantes.

A importância de se contarem histórias para a criança é enorme. Desde pequena sem saber ler, ela está sempre solicitando às pessoas na família, e na escola o professor, a leitura de livros de história. Ela gosta de ouvir a mesma história várias vezes, e quando o professor acaba de ler a história ouve o pedido: “— conta outra vez”. Ao atender o pedido das crianças, o professor estará oferecendo a

elas a oportunidade de emendar todos os fatos da história, de interiorizá-la, de desejar lê-la, antecipando o futuro hábito da leitura.

A criança gosta de ouvir histórias, ela vibra e se emociona com as personagens. A sua capacidade de brincar, de inventar, encontra um meio de expressar-se através das várias situações que aparecem nas histórias.

A história é lazer, é divertimento, mas é também oportunidade para a criança desenvolver-se no sentido ético, estético e de formação.

É através das histórias que a criança projeta o seu próprio mundo e, ao representá-las, ela encontra maneiras de expressar o que sente, o que cria, o que inventa.



A história não é uma forma de alienação da criança à sua realidade. Pelo contrário, é um modo de ela participar, observar e criticar, à sua maneira, aquilo que lhe é imposto como útil ou necessário.

As crianças gostam de histórias de animais que falam.

As histórias que apresentam, ruídos que as crianças conhecem, repetições, são do inteiro agrado de todos.

Para contar a história, o professor poderá levar as crianças para um local fora da sala de aula, ao ar livre, ou à biblioteca; sentar-se com elas no chão, deixando-as bem à vontade. Algumas gostam de se deitar ou mesmo recostar-se. Durante uns cinco minutos, as crianças terão tempo de acomodar-se, de conversar umas com as outras. Finalmente, o professor anuncia que vai contar uma história diferente, muito bonita, e diz o nome da história, mostra a capa, os personagens, diz também o nome do autor.

As crianças gostam muito de dramatizar a história contada, e essa é uma atividade muito rica que pode ser estimulada pelo professor.



As crianças tímidas, encontram aí um meio de se expressar, de fazer parte do grupo. É através da dramatização que a criança revive as suas experiências, dando expansão ao seu pensamento criativo, ganhando melhores idéias e conceitos em relação ao mundo que a cerca.

Após contar a história, o professor pode perguntar se alguma criança quer representar determinada cena ou alguma personagem - geralmente elas participam com entusiasmo dessa atividade.

As crianças também podem escolher uma das histórias contadas e fazer uma dramatização. Elas mesmas escolhem as fantasias e ensaiam a história a ser apresentada com a ajuda do professor, mas sem decorar textos, elas próprias criando diálogos, baseando-se na história ouvida anteriormente. Outra forma de dramatizar as histórias, e que as crianças se interessam muito, é fazendo uso de fantoches e marionetes. As crianças podem confeccionar os fantoches durante as aulas de arte ou desenhar máscaras (em sacos de papel) das personagens favoritas.

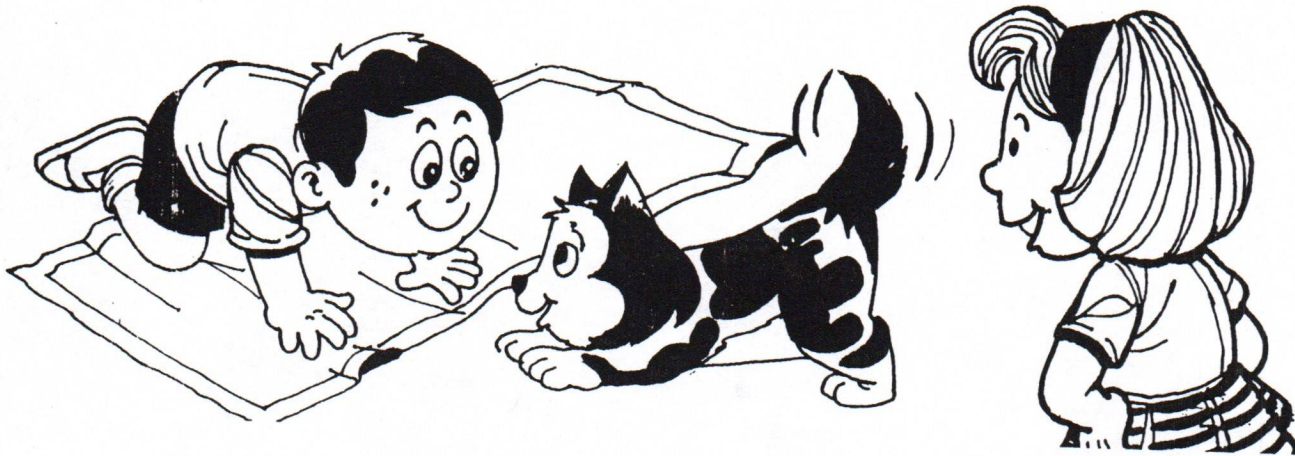
Ao assumirem o papel da personagem da história, as crianças expressam-se através da fala, dos movimentos e dos sons e encontram, assim, um novo modo de apreciar histórias.

Graciola M. Soraggi - Amai Educando 87



COMO ESCOLHER AS HISTÓRIAS

Alguns aspectos devem ser levados em consideração com relação ao conteúdo, enredo, linguagem, texto, personagens e gênero de preferência.



TIPOS DE HISTÓRIAS QUE AS CRIANÇAS PREFEREM

Até quatro anos:

a preferência é pelo gênero de histórias da vida real, iniciando-se por volta dos três anos o interesse pelas histórias de bichinhos humanizados. Os textos têm que ser bem curtos, com poucas palavras e, de preferência, com expressões repetidas. As gravuras devem ser bem grandes, porque as crianças pequeninas ainda têm dificuldade em perceber detalhes. As gravuras devem predominar sobre o texto.

Entre quatro e cinco anos:

ainda é grande o interesse pelas histórias da vida real que apresentem aspectos da vida do lar e da família, mas a

preferência pelas histórias de bichinhos humanizados começa a se manifestar claramente. O enredo agora deve ser mais complicado, porém com texto ainda curto e que apresente muitas expressões repetidas. O enredo ainda não pode exigir muito da memória de fatos, deve ser simples e repetitivo.

Entre cinco e seis anos:

o gênero de preferência é notadamente o de bichinhos humanizados, mas surge o interesse por histórias da vida real, relacionadas a fazendas (para as crianças da cidade e vice-versa), circo, férias, aniversários, etc. Nesta época, começa a manifestar-se o interesse pelo mundo da fantasia e histórias de encantamento. A história da vida real tem um quê de mágico e o enredo deve ser mais com-

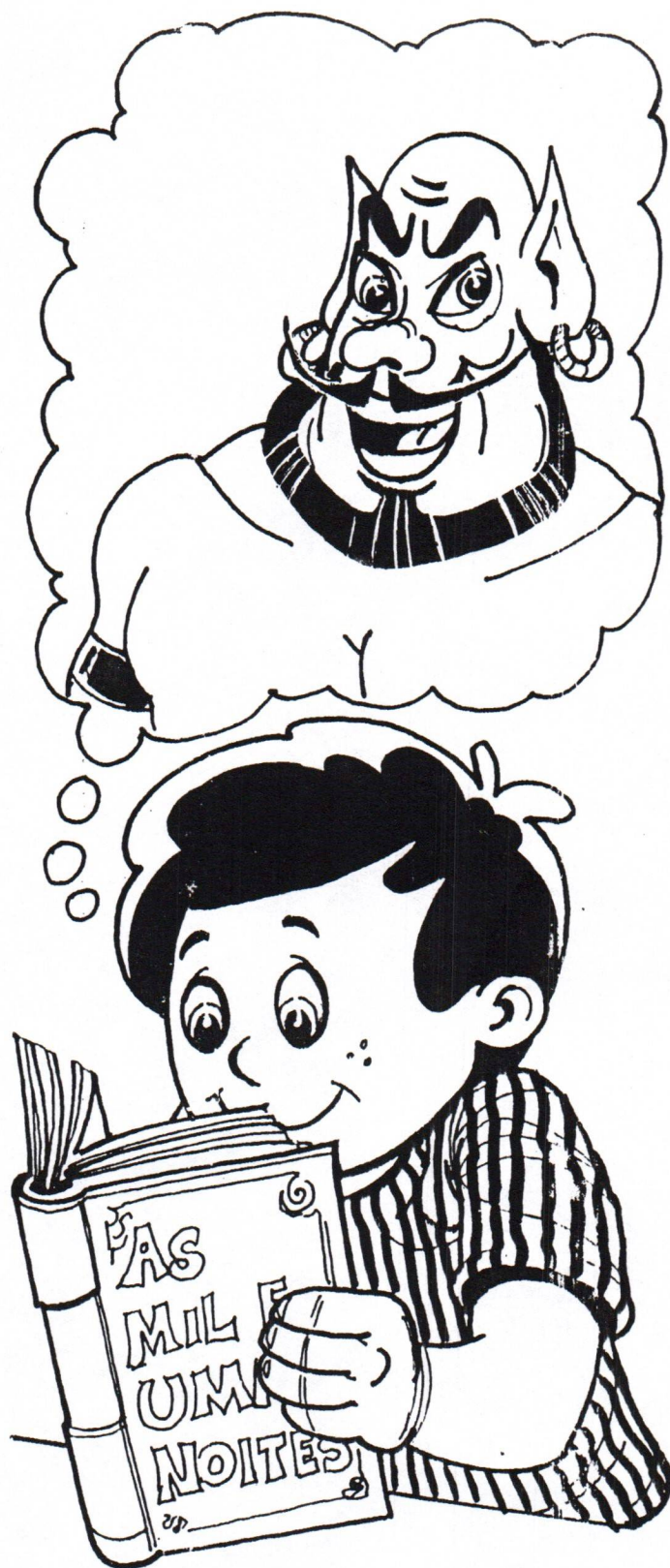
plexo, com um número maior de fatos e personagens. A repetição de expressões ainda é muito do agrado da criança. Nesta época, entre cinco e seis anos, a criança começa a manifestar grande predileção por textos ritmados e adora ouvir, acompanhar o professor e repetir sozinha histórias ritmadas, principalmente se humorísticas.

Entre seis e sete anos:

além dos gêneros anteriores, pelos quais a criança ainda demonstra grande interesse, como vida real, bichinhos humanizados, historietas ritmadas, poesias e livros científicos, o gênero encantamento, ou seja, de histórias nas quais personagens fantásticos são possuidores de poderes mágicos, começa a aparecer como gênero preferido.

As histórias da vida real só encontram interesse neste público de seis e sete anos se apresentadas sob forma de aventuras, que vai ser o gênero de preferência a partir dos sete anos.

O texto agora pode ser mais longo e mais complexo e o personagem do tipo "herói" ganha seu lugar de destaque.





Contos de fadas

Quem lê um conto de fadas não imagina que essas histórias têm milênios e atravessaram todas as geografias, mostrando a força e a perenidade do folclore dos povos.

Por quê? Porque os contos de fadas estão envolvidos no maravilhoso, um universo que detona a fantasia, partindo sempre de uma situação real, concreta, lidando com emoções vividas por todos... Porque se passam fora dos limites do tempo e do espaço, mas onde qualquer um pode caminhar... Porque as personagens são simples e colocadas em inúmeras situações diferentes, onde têm que buscar e encontrar uma resposta de importância fundamental... Porque tudo é vivido através da fantasia, do imaginário, onde entidades fantásticas intervem (bruxas, fadas, plantas sábias, animais falantes, etc...), e também porque falam de nossos medos, amores, perdas e buscas, carências...



Isso acontece, por exemplo, em “Joãozinho e Mariazinha”, contada pelos irmãos Grimm, na qual dois irmãos vivem problemas de carência de comida, pela pobreza, e de afetividade (a mãe tinha morrido). Além disso, a madrasta quer que sejam abandonados (separando a família) numa imensa floresta, onde terão de enfrentar sozinhos um mundo desconhecido.

E só chegando à casa de chocolate da bruxa (que simboliza a fartura) é que encontram a solução para seus problemas, pensando e agindo em conjunto (representando a importância da solidariedade e da cooperação).

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil, gostosuras e bobices**. 4. ed. São Paulo: Scipione, 1994. p. 120, 133.





O RATINHO, O GATO E O GALO

Certa manhã um ratinho saiu do buraco pela primeira vez. Queria conhecer o mundo e travar relações com tanta coisa bonita de que falavam seus amigos.

Admirou a luz do sol, o verdor das árvores, a correnteza dos ribeirões, a habitação dos homens. E acabou penetrando no quintal duma casa da roça.

— Sim senhor! É interessante isto!

Examinou tudo minuciosamente, farejou a tulha de milho e a estrebaria. Em seguida notou no terreiro um certo animal de belo pêlo que dormia sossegado ao sol. Aproximou-se dele e farejou-o sem receio nenhum.

Nisto aparece um galo, que bate as asas e canta.

O ratinho por um triz que não morreu de susto. Arrepiou-se todo e disparou como um raio para a toca. Lá contou à mamãe as aventuras do passeio.

— Observei muita coisa interessante — disse ele — mas nada me impressionou tanto como dois animais que vi no terreiro. Um, de pêlo macio e ar bondoso, seduziu-me logo. Devia ser um

desses bons amigos da nossa gente, lamentei que estivesse a dormir, impedindo-me assim de cumprimentá-lo.

O outro... Ai, que ainda me bate o coração! O outro era um bicho feroz, com penas amarelas, bico pontudo, crista vermelha e aspecto ameaçador. Bateu as asas barulhentamente, abriu o bico e soltou um có-ri-có-có tamanho que quase caí de costas. Fugi com quantas pernas tinha, percebendo que devia ser o famoso gato que tamanha destruição faz no nosso povo.

A mamãe-rata assustou-se e disse:

— Como te enganas, meu filho! O bicho de pêlo macio e ar bondoso é que é o terrível gato. O outro, barulhento e espantado, de olhar feroz e crista rubra, o outro, filhinho, é o galo, uma ave que nunca nos fez mal nenhum.

As aparências enganam. Aproveita, pois, a lição e fica sabendo que —

Quem vê cara não vê coração.

MONTEIRO LOBATO, *Fábulas e Histórias Diversas*, 16.^a edição, Editora Brasiliense, São Paulo, 1969, pp. 101-102.

Vamos ler

A coruja e a águia

A coruja e a águia viviam brigando.

Um dia, resolveram fazer as pazes.

– Basta de guerras. O mundo é grande e tolice maior é andarmos a comer os filhotes uma da outra.

– Perfeitamente. Também eu não quero outra coisa.

– Nesse caso, combinemos isso: de agora em diante não comerás nunca os meus filhotes.

– Muito bem, mas como posso distinguir os teus filhotes?

– Coisa fácil. Sempre que encontrares uns pimpolhos lindos, bem feitinhos de corpo, alegres, cheios de uma graça especial que não existe em filhotes de nenhuma ave, já sabes: são os meus.

– Está feito.

Dias depois a águia saiu à caça e encontrou um ninho com cinco monstrenghos dentro, que piavam de bico muito aberto.

– Bichos horríveis! Vê-se logo que não são os filhos da coruja.

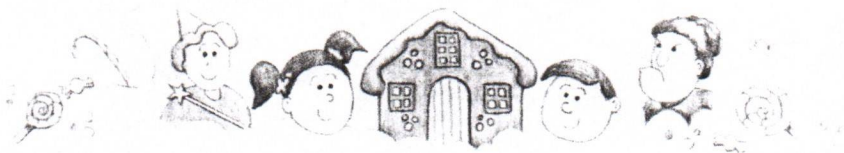
E comeu-os.

Regressando ao ninho, a triste mãe coruja chorou amargamente o desastre e foi ajustar contas com a rainha das aves.

– Quê? Eram teus filhos aqueles monstrenghinhos? Pois olhe, não se pareciam nada com o retrato que deles me fizeste.

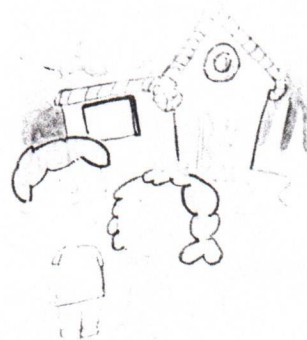
Para retrato de filho, ninguém acredite em pintor pai, diz o ditado. Ou então: quem o feio ama, bonito lhe parece.

Monteiro Lobato, *Fábulas*, Brasiliense, 1994



João e Maria

Numa floresta morava um pobre lenhador com sua mulher e os filhos João e Maria. Passavam sérias necessidades para se manter e, então, a madrasta exigiu que o lenhador deixasse as crianças na floresta, alegando que era burrice esperar até que todos morressem de fome. Com menos gente em casa, poderiam sobreviver mais tempo.



Os dois irmãos ouviram a conversa da madrasta com o pai, mas nada disseram. Foram deixados na floresta.

João e Maria perderam-se, porque os pássaros comeram as migalhas de pão com que o menino havia marcado o caminho de retorno para casa.

Após andarem muito, cheios de fome, encontraram uma linda casa, que os deixou encantados. Era toda feita de bolo, biscoitos, bombom e bala.

Não resistiram e se puseram a comer as guloseimas.

Eis que chega uma horrorosa velha e os convida a entrar, gentilmente. Foi, porém, um ardil para aprisioná-los com a intenção de, mais tarde, quando bem gordinhos, comê-los. A bruxa malvada trançou João num galinheiro e obrigava Maria a cozinhar caldeirões de comida para engordá-lo.

João, que era esperto, observou que a velha maldosa pouco enxergava. Por isso, quando ela lhe pedia para ver seu dedinho e se ele estava gordinho, João mostrava-lhe um osso encontrado no galinheiro. No dia em que a velha resolveu comer Joãozinho, mesmo magro, Maria teve uma idéia luminosa: pediu à bruxa que visse se o forno estava quente e empurrou-a dentro do forno, onde ela morreu queimada.

Maria libertou o irmão e, juntos, puderam regressar à casa onde encontraram seu pobre pai aflito.

Adaptação de: GRIMM, Irmãos. **João e Maria**. Rio de Janeiro: Técnico, 1963.

Exercício

Conte em quadrinhos a história de João e Maria que você leu. Para isso, divida uma ou duas páginas do seu caderno em quantos quadrinhos você desejar. Capriche! Sua história poderá ser lida pelos seus colegas da escola.

A lebre e a tartaruga

A lebre estava se vangloriando de sua rapidez perante os outros animais.

– Nunca perco de ninguém. Desafio todos aqui a tomar parte numa corrida comigo.

– Aceito o desafio! – disse a tartaruga calmamente.

– Isto parece brincadeira. Poderei dançar à sua volta, por todo o caminho – respondeu a lebre.

– Guarde sua presunção até ver quem ganha – recomendou a tartaruga.

A um sinal dado pelos outros animais, as duas partiram. A lebre saiu a toda velocidade. Mais adiante, para demonstrar seu desprezo pela rival, deitou-se e tirou uma soneca.

A tartaruga continuou avançando, devagar e sempre. Quando a lebre acordou, viu que a tartaruga já estava pertinho do ponto final, e não teve tempo de correr para chegar primeiro. A tartaruga, então, disse:

– Não adianta o esforço sem persistência.

Moral da história: Devagar se vai longe.

*O mundo da criança, Contos e poesias,
Vol. 1, Enciclopédia Britânica, 1995*

* A galinha ruiva

Um dia, a galinha ruiva estava ciscando no quintal e achou um grão de trigo.

– Quem quer plantar este grãozinho de trigo? – perguntou ela.

– Eu não quero – disse o pato.

– Eu também não – respondeu o gato.

– Nem eu – disse o cão.

“Muito bem, então eu mesma plantarei”, pensou a galinha ruiva. E assim fez. Passado algum tempo, o pé de trigo cresceu e ficou maduro. *

– Quem quer colher as espigas do trigo? – perguntou a galinha ruiva.

– Eu não quero – respondeu o pato.

– Eu também não – disse o gato.

– Nem eu – falou o cão.

“Muito bem, então eu mesma colherei”, resolveu a galinha ruiva. E colheu o trigo. Ao terminar, tornou a perguntar:

– Quem quer debulhar o trigo?

– Eu não quero – disse o pato.

– Eu também não – disse o gato.

– Nem eu – respondeu o cão.

– Muito bem, então eu o debulharei.

E o debulhou. Depois, perguntou:

– Quem quer levar o trigo ao moinho, para ser moído e virar farinha?

– Eu não quero – respondeu o pato.

– Eu também não – disse o gato.

– Nem eu – falou o cão.

“Muito bem, então eu mesma levarei”, resolveu a galinha.

Quando voltou de lá com a farinha de trigo perguntou:

– Quem quer fazer um pão com esta farinha?

– Eu não quero – disse o pato.

– Eu também não – disse o gato.

– Nem eu – disse o cão.

“Muito bem, então eu mesma farei.” E fez um pãozinho que ficou muito gostoso.

– E agora, quem vai comer o pão?

– Oh, eu o comerei – disse o pato.

– Eu também – disse o gato.

– E eu – disse o cão.

Então, a galinha ruiva ficou toda arrepiada e disse:

– Pois fiquem sabendo que não vão provar nem um pedacinho, seus preguiçosos!

A galinha ruiva chamou os pintinhos e repartiu o pão com eles. O gato, o pato e o cão ficaram muito tristes e aprenderam como é feio ser preguiçoso.



Vamos ler

O rei dos animais

O Leão saiu para verificar se ainda era o “Rei das Selvas”. O respeito entre os animais já não era o mesmo, pois os tempos mudaram.

O Leão encontrou o macaco e perguntou:

– Ei, você aí, macaco, quem é o rei dos animais?

O macaco saltou para cima da mais alta árvore e respondeu:

– Claro que é você Leão, claro que é você!

O papagaio, ao ser indagado, também concordou.

E a coruja, sábia que é, também respondeu:

– Sim, você é o maioral da mata.

E lá se foi o Leão, mais firme no passo, mais alto de cabeça. Indagou igualmente ao tigre que, mesmo meio aborrecido, acabou concordando.



Três quilômetros adiante, o Leão encontrou o elefante:

– Elefante, quem manda na floresta, é rei, imperador e senhor de tudo?

O elefante pegou-o com a tromba, deu três voltas com ele pelo ar, atirou-o contra o tronco de uma árvore e desapareceu floresta adentro.

O Leão caiu no chão, tonto e ensangüentado.

Levantou-se, lambeu uma das patas e murmurou:

– Que diabo! Só porque não sabia a resposta, não era preciso ficar tão zangado!

Millôr Fernandes, *Fábulas fabulosas*, Hamburg, 1991



Sete anos e mais sete

Era uma vez um rei que tinha uma filha. Não tinha duas, tinha uma, e como só tinha essa gostava dela mais do que de qualquer outra.

A princesa também gostava muito do pai, mais do que de qualquer outro, até o dia em que chegou o príncipe. Ai ela gostou do príncipe mais do que de qualquer outro.

O pai, que não tinha outra para gostar, achou logo que o príncipe não servia. Mandou investigar e descobriu que o rapaz não tinha acabado os estudos, não tinha posição, e o reino dele era pobre. Era bonzinho, disseram, mas enfim, não era nenhum marido ideal para uma filha de quem o pai gosta mais do que de qualquer outra.

O rei então chamou a fada, madrinha da princesa. Pensaram, pensaram, e chegaram à conclusão de que o jeito melhor era botar a moça para dormir. Quem sabe, no sono sonhava com outro e se esquecia dele.

Dito e feito, deram uma bebida mágica para a jovem, que adormeceu na hora sem nem dizer boa-noite.

Deitaram a moça numa cama enorme, num quarto enorme, dentro de outro quarto enorme, onde se chegava por um corredor enorme. Sete portas enormes escondiam a entrada pequena do enorme corredor. Cavaram sete fossos ao redor do castelo. Plantaram sete trepadeiras nos sete cantos do castelo. E puseram sete guardas.

O príncipe, ao saber que sua bela dormia por obra de magia, e que pensavam assim afastá-la dele, não teve dúvidas. Mandou construir um castelo com sete fossos e sete plantas. Deitou-se numa cama enorme, num quarto enorme, onde se chegava por um corredor enorme disfarçado por sete enormes portas e começou a dormir.

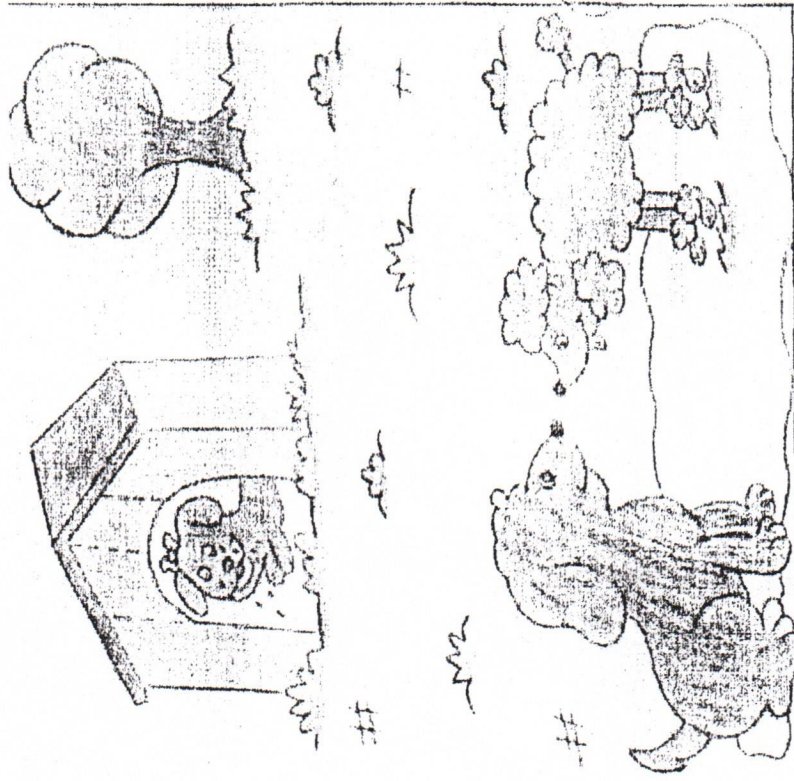
Sete anos se passaram e mais sete. As plantas cresceram ao redor. Os guardas desapareceram debaixo das plantas. As aranhas teceram cortinados de prata ao redor das camas, nas salas enormes, nos enormes corredores. E os príncipes dormiram nos seus castelos.

Mas a princesa não sonhou com ninguém a não ser com o príncipe. De manhã sonhava que o via debaixo da sua janela tocando alaúde. De tarde sonhava que sentavam na varanda e que ele brincava com o falcão e com os cães enquanto ela bordava no bastidor. E de noite sonhava que a Lua ia alta e que as aranhas teciam sobre o seu sono.

E o príncipe não sonhou com ninguém a não ser com a princesa. De manhã sonhava que via seus cabelos na janela, e que tocava alaúde para ela. De tarde sonhava que sentavam na varanda, e que ela bordava enquanto ele brincava com os cães e com o falcão. E de noite sonhava que a Lua ia alta e que as aranhas teciam.

UM CASAL EM CRISE

Fofinha e Apito formavam um casal de cachorros e viviam em crise, pois o cachorro Apito vivia traindo a Fofinha com as cachorras do bairro. A coitada da cadela só andava chorando.



Num belo dia, quando estava a chorar, Fofinha encontrou a cadela Marly, uma cachorra velha e cheia de experiência que começou a lhe dar conselhos.

— Fofinha, você precisa mudar seu visual, usar um perfume gostoso, andar sempre escovada...

Fofinha resolveu seguir os conselhos da velha Marly e falou:

— De hoje em diante eu não vou mais chorar pelo Apito. A Fofinha se enfeitou toda e foi passear na rua. Ao passar pelos cachorros do bairro, todos começaram a latir, inclusive o seu marido Apito que não reconheceu a sua esposa Fofinha.

Ao perceber quem era a cachorra que estava passando, Apito, com muito ciúmes, foi até ela e perguntou:

— O que você pretende? Envergonhar-me na frente dos meus amigos? Vá para casa agora e tire essa roupa ridícula.

Muito calma, Fofinha olha para seu querido esposo e questiona:

— O que será que está acontecendo com esse cachorro?

Apito volta para casa, e encontra Fofinha arrumando as malas. Pergunta:

— O que você está fazendo?

Com lágrimas nos olhos, a cachorra responde:

— Vou embora desta casa, Apito. Você não merece o meu amor.

Fofinha vai embora. Deixa seu esposo chorando e bebendo muito.

Com o passar do tempo, preocupados com a saúde do cachorro Apito, os vizinhos vão à procura da cachorra Fofinha e dizem:

— Você precisa voltar para sua casa, seu marido só bebe e fuma, passa a noite toda latindo e não deixa ninguém dormir.



Fofinha, ainda apaixonada, volta para sua casa e para seu marido, mas fazendo para ele um único pedido:

— Você nunca mais vai me trair.
— Apito, assim prometeu. Os dois se abraçaram, latindo de felicidade.



O CAVALO E A ESCOVA

Todo dia era a mesma coisa... Era uma briga do cavalo Trovão com a escova de dente. Tudo isso porque o preguiçoso do cavalo não gostava de escovar os dentes.

Os dentes do pobre foram ficando pretos. A cada dia que passava, ficavam mais pretos. Ele, inocente, achava que era a mudança da lua, por isso não cuidava dos dentes.

Um dia pela manhã, o cavalo acordou todo sorridente e foi se olhar no espelho. Levou um susto. Estava sem os dois dentes da frente. Envergonhado, Trovão nem saía de casa. A cada dia que passava era um dente a menos. Com isso, Trovão muito assustado resolveu procurar ajuda. Foi ao dentista.

Chegando lá, o cavalo dentista Alazão perguntou:

— O que aconteceu com seus dentes?
— Foi a mudança da lua que fez que eles ficassem pretos e para o meu sofrimento foram caindo pouco a pouco, respondeu Trovão.

Novamente o Alazão perguntou:

— Você escova os dentes todos os dias?
— Claro! Todos os dias, respondeu Trovão.

O dentista falou:

— Pois é! Eu não sei o que aconteceu, mas você vai ter que usar dentadura.

— Dentadura? Perguntou o Trovão apavorado. Como é que um cavalo tão lindo e charmoso como eu vai andar por aí com dentadura?

— E lá foi ele de cabeça baixa. Quando tinha que falar com alguém, baixava ainda mais a cabeça, quase indo ao chão.

Chegando à casa, o cavalo preguiçoso começou a matutar. Viu a escova toda elegante cheia de fios que lembrava dentes brancos. Sentiu, em sua boca, o gosto amargo do vazio negro. Concluiu:

"Nunca mais vou ficar sem escovar os dentes".



JOÃO E MARIA:

ERA uma vez um homem que havia casado novamente, tendo do seu primeiro casamento duas lindas crianças: João e Maria. A segunda esposa, madrasta das crianças, era muito maliciada. Um dia disse ao marido:

— Devemos mandar João e Maria embora. Eles ainda não podem trabalhar, só nos dão despesas!

O marido ficou apavorado!

— Para onde vou mandar as crianças? disse ele. Não tenho nenhum parente!

— Mande-os para a floresta! gritou a mulher. Maria começou a chorar, com medo de ficar na floresta. João não chorou. Sem que ninguém percebesse, guardou no bolso um grande pedaço de pão.

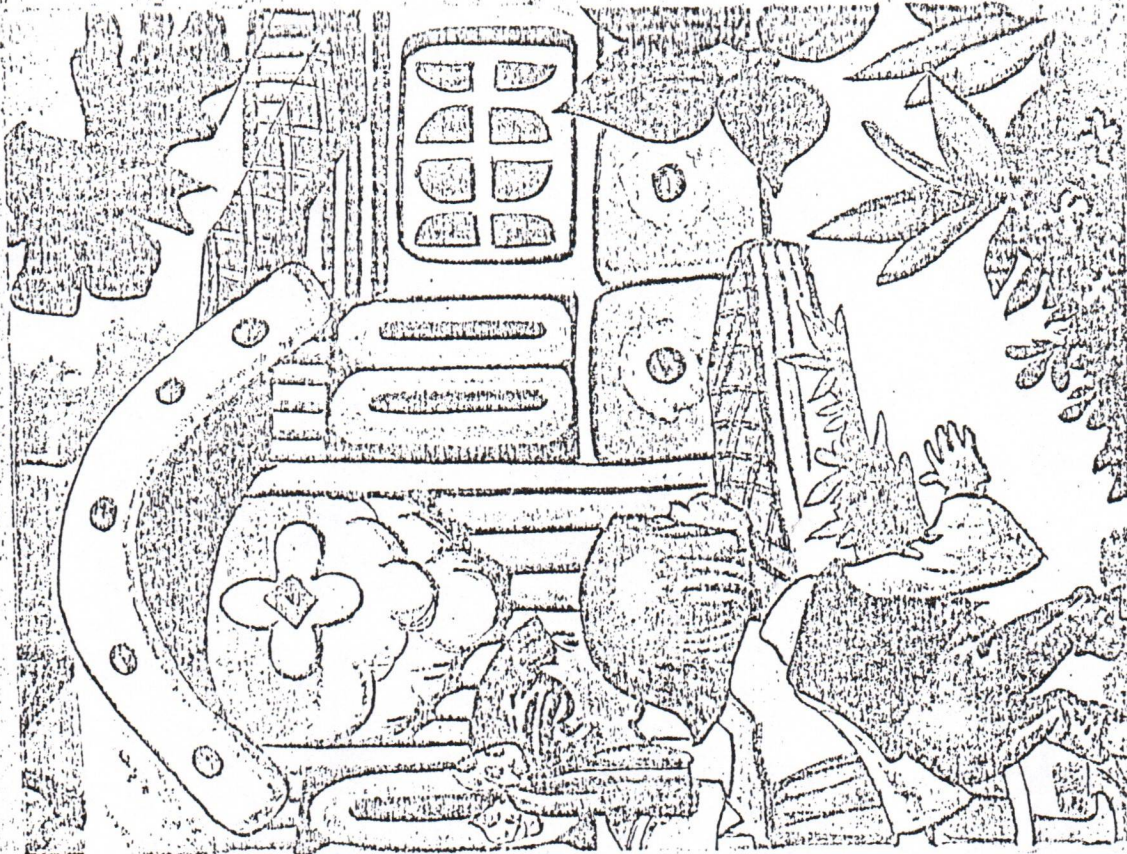
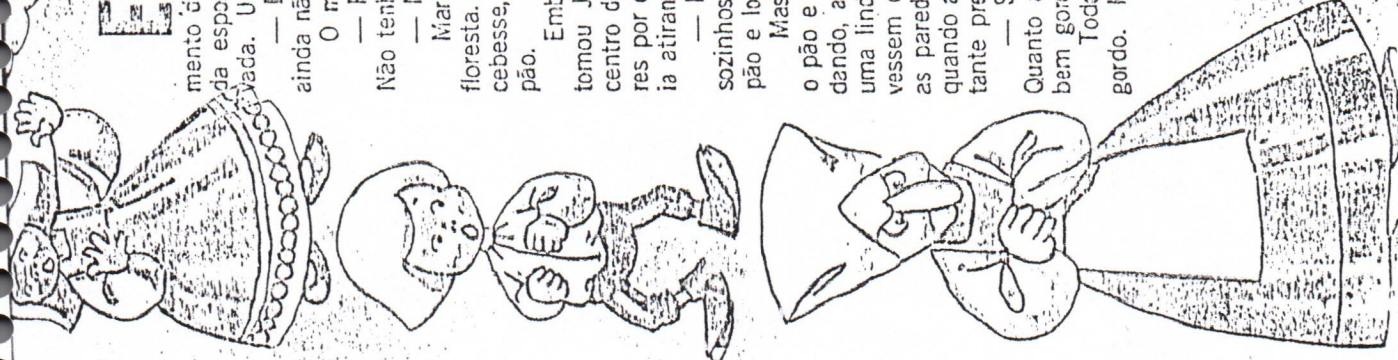
Embora com muita tristeza no coração, o pai tomou João e Maria pelas mãos e levou-os para o centro da floresta. Na esperança de marcar os lugares por onde passavam (e depois poder voltar), João ia a tirando migalhas de pão por todo o caminho.

— Maria, não chore, disse João quando ficaram sozinhos na floresta. Vamos seguir os pedacinhos de pão e logo estaremos em casa!

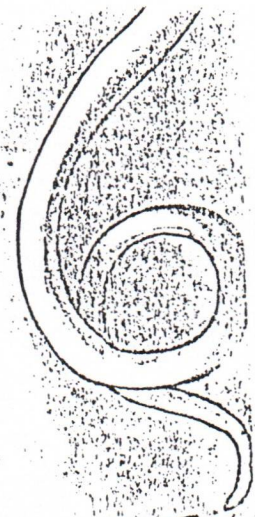
Mas, infelizmente, os passarinhos comeram todo o pão e as crianças não puderam voltar! Foram andando, andando, andando até que, de repente, viram uma linda casinha, toda feita de doces! Como estivessem com muita fome, logo começaram a comer as paredes da casinha. E ainda estavam comendo quando apareceu uma bruxa horrorosa, que num instante prendeu João numa gaiola! Depois disse:

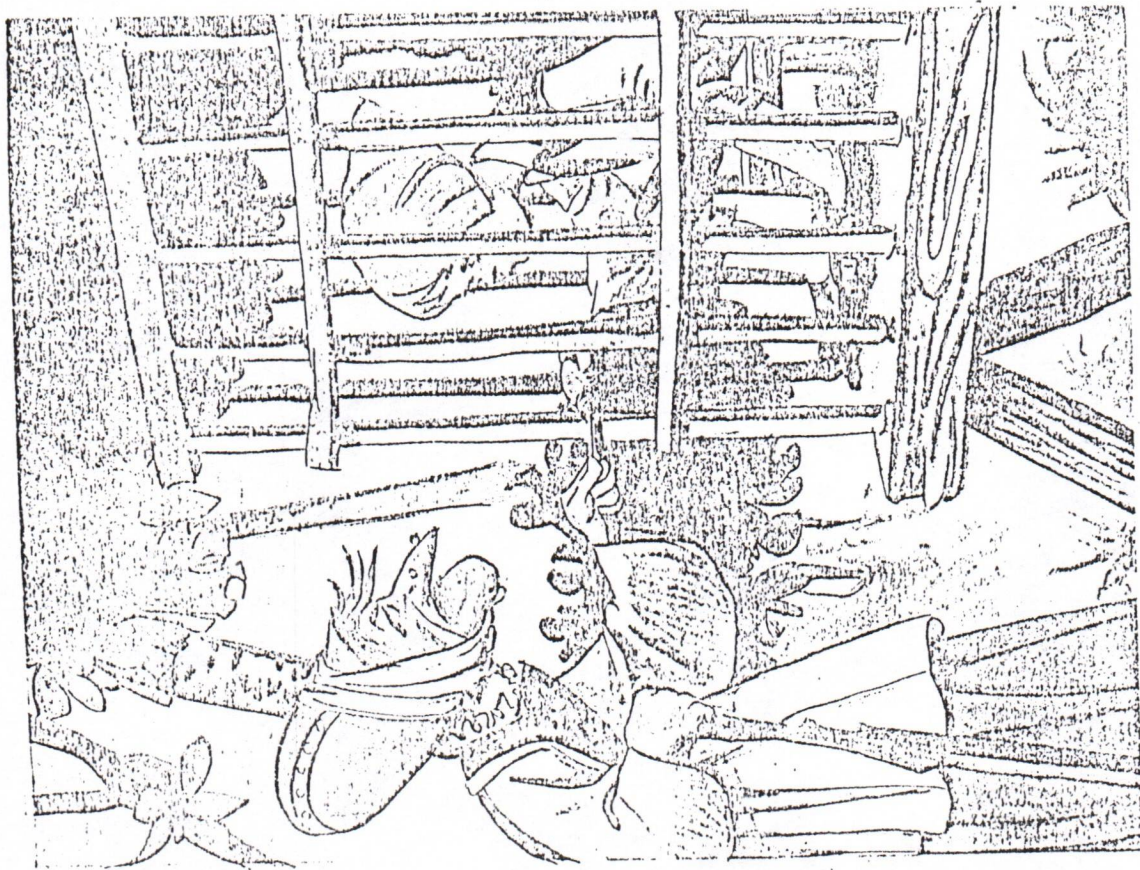
— Sua irmã vai ficar trabalhando para mim. Quanto a você, João, vou comê-lo, quando estiver bem gordinho!

Todos os dias a bruxa ia ver se João estava mais gordo. Mas, como era meio cega, dizia ao menino:



Esta é a casinha toda feita de doces. Daqui a pouco João e Maria vão começar a comê-la!





Veja a esportezza de João! A velha disse: "Deixe ver o deáinho!" Mas João lhe escondou um ossinho de galinha. A velha bruce não percebeu nada porque não enxergava bem.

— Estenda seu decó, vamos!
E apalpava o dedo de João, para sentir se estava mais gordo. Ora, o que fez Maria? Pegou um ossinho de galinha e deu para o irmão. Quando a bruxa vinha ver o dedo do menino, ele estendia a velha o ossinho de galinha e ela exclamava:

— Hummm! ainda está magrinho!
Mas a velha não era tão boba assim. Um dia percebeu a esportezza das crianças! E gritou:
— Maria! acenda o forno para eu assar o seu irmão! Estou com fome!

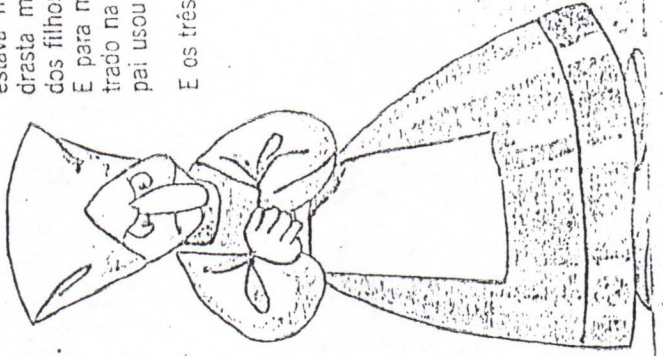
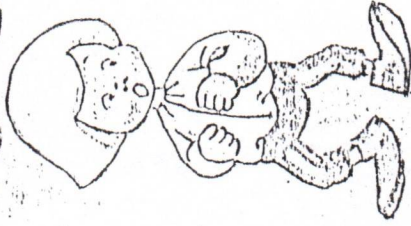
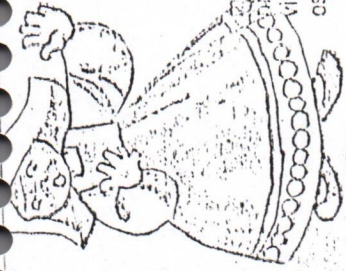
Tremendo de medo e chorando muito, Maria acendeu o forno e fechou-lhe a porta. Quando o forno estava fervendo, gritou para a velha:

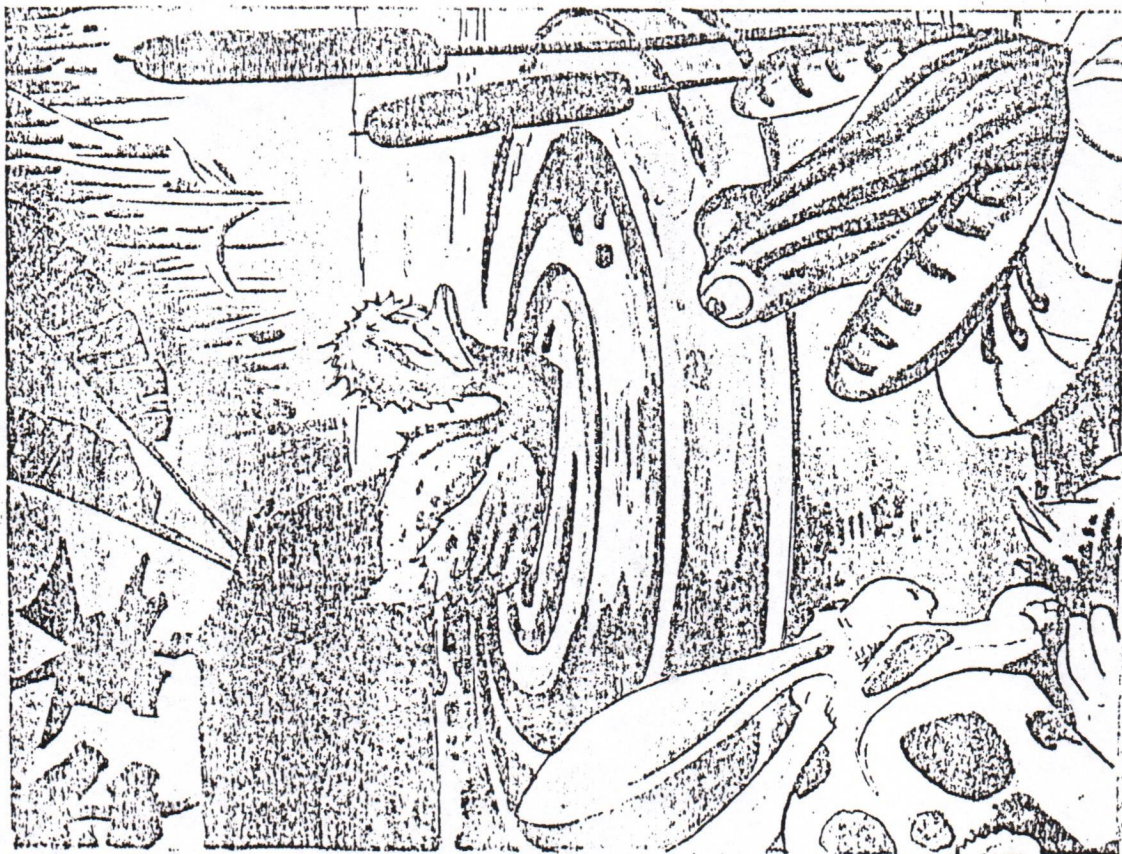
— Senhora! Ajude-me! Não consigo abrir a porta do forno!

— Menina desastrada! disse a bruxa. Já vou!
Então, quando a velha abriu a porta do forno, Maria a empurrou para dentro e a bruxa morreu assada!

E o pai de João e Maria? Por esse tempo já estava muito arrependido. Mandou embora a maldra malvada e correu para a floresta, em busca dos filhos. Quando se encontraram, foi aquela festa! E para maior felicidade de todos, João tinha encontrado na casa da bruxa um grande tesouro, que seu pai usou para comprar uma linda casa na cidade!

E os três viveram felizes para sempre!





Veja o Patinho Feio. O Sapo e o Coelho estão olhando muito espantados. Ele está com medo!

O PATINHO FEIO

FERA uma vez um reino chamado PATOLÂNDIA. Nele havia muitos patos, que moravam em bonitas casinhas à beira de um grande lago.

Uma das patinhas moradoras do reino estava esperando que os filhinhos saíssem dos ovos.

Certa manhã arrebitou o primeiro ovo, depois o segundo e assim por diante. Mãe pata estava muito feliz com seus filhotes de plumagens amarelinhas, quando notou que um deles era escuro e feioso.

As vizinhas comentavam:

— Os patinhos dela são todos lindinhos, com exceção do último, que é horrível!

E todos passaram a desprezar o patinho feio, tanto que ele resolveu deixar a Patolândia e ir para bem longe dali!

Sofreu muito durante a caminhada, quase foi morto por caçadores, mas enfim chegou a uma cabana, onde uma velha o acolheu. A velha tinha com ela um gato e uma galinha, que maltratavam o patinho. A própria velha também o maltratava e por isso ele também deixou a cabana e continuou caçando, andou, até chegar a um esplêndido lago, onde nadavam belos cisnes brancos!

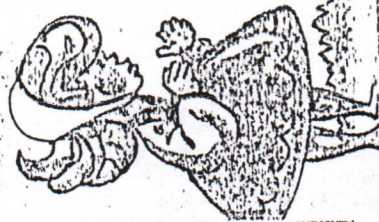
O Patinho pensou:

— Ah! se eu fosse assim tão lindo ninguém mais me desprezaria!



Mas o calor era demais e ele não resistiu. Entrou no lago, e qual não foi sua surpresa quando os cisnes dele se aproximaram com alegria! Sem saber o que acontecia, o patinho olhou sua imagem refletida na água e viu que se transformara no mais belo cisne do lago!

O ovo do qual saíra não era de pata, mas de cisne!



Sube de onde veio este lindo Cisne? As crianças que o estão olhando não sabem!